



VIII HISTÓRIA EM DEBATE

II SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
VIII SEMINÁRIO DE PESQUISA PPGH/UFS

02 a 05 de dezembro de 2024

CADERNO DE RESUMOS

VIII HISTÓRIA EM DEBATE

Organizadores

Marlon Brandt

Samira Peruchi Moretto

Fabio Krzysczak

Cristina Dallanora

V. 6, n. 1 (2024) ISSN 2675-0635

Realização



Apoio



fapesc
Fundação de Amparo à
Pesquisa e Inovação do
Estado de Santa Catarina

Organização

Coordenação geral

Prof. Dr. Marlon Brandt (UFS/Chapecó)
Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto (UFS/Chapecó)

Comissão organizadora

Docentes

Prof. Dr. Antônio Marcos Myskiw (UFS/Realeza)	Prof. Dr. Marlon Brandt (UFS/Chapecó)
Prof. Dr. Bruno Antonio Picoli (UFS/Chapecó)	Prof. Dr. Miguel Mundstock Xavier de Carvalho (UFS/Laranjeiras do Sul)
Prof. Dr. Claiton Marcio da Silva (Käte Hamburger Research Centre/GD:C)	Profa. Dra. Mirian Carbonera (UFS/Chapecó)
Profa. Dra. Daniela Paiva de Moraes (UFS/Chapecó)	Profa. Dra. Monica Hass (UFS/Chapecó)
Prof. Dr. Delmir José Valentini (UFS/Chapecó)	Prof. Dr. Murillo Dias Winter (UFS/Erechim)
Prof. Dr. Émerson Neves da Silva (UFS/Erechim)	Prof. Dr. Renato Viana Boy (UFS/Chapecó)
Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga (UFS/Erechim)	Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto (UFS/Chapecó)
Prof. Dr. Humberto José da Rocha (UFS/Erechim)	Prof. Dr. Fabio Krzysczak (UFS/Chapecó)
Profa. Dra. Isabel Rosa Gritti (UFS/Erechim)	Profa. Dra. Cristina Dallanora (UFS/Chapecó)
Prof. Dr. José Carlos Radin (UFS/Chapecó)	Prof. Dr. Marcos Gerhardt (UPF)
Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino (UFS/Chapecó)	

Discentes PPGH

Brendha Luana Spricigo
Gabriel Vaz Ribeiro Chaves
Gabrieli Elisa da Costa
Gerson Junior Naibo
Luiz Henrique Grolli Ivanowski
Victória Artigas Pause

Discentes Graduação

Gabriel Artur Roesler
Chariel Busatto
Eduarda Sachet Lanzarin
Igor Matheus Donzelli
Luis Alberto Salini Marina

Comitê científico

Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto (UFS/Chapecó) – Presidente
Prof. Dr. Marlon Brandt (UFS/Chapecó) – Vice-presidente
Profa. Dra. Carla Menegat (IFSUL- Gravataí)
Prof. Dr. Adilson Junior Ishihara Brito (UFPA)
Prof. Dr Bruno Augusto Dornelas Câmara(UPE)
Profa. Dra. Susana Cesco (Unirio)
Prof. Dr. Arthur Curvelo (UNIVASF)
Profa. Dra. Lucía Rodríguez Arrillaga (UDELAR/Uruguai)
Profa. Dra. Priscila Maria Weber (UERJ)
Prof. Dr. Eduardo Von Dentz (UFC)

Apresentação

O VIII História em debate: Fronteiras, Migrações e Sociedades e o II Seminário Internacional Naturezas e Fronteiras tem como objetivo fomentar, por meio de conferências, mesas-redondas, oficinas, apresentações de trabalhos, minicursos e atrações culturais, o debate acadêmico acerca das temáticas propostas, visando trazer importantes contribuições para a atualidade do Brasil e da Fronteira Sul.

Nesta edição foram inscritos setenta e oito trabalhos, resultados de pesquisas envolvendo estudantes do ensino básico, graduação e pós-graduação, profissionais da educação básica, docentes do ensino superior e egressos da pós-graduação.

Os trabalhos foram divididos em sete eixos temáticos, visando a socialização de conhecimentos a partir da troca de experiências mediante a apresentação e a discussão de suas pesquisas e práticas.

Sumário

Eixo 1 – Pesquisa, ensino e gênero	5
Eixo 2 – Presença africana, quilombos e cidadania	10
Eixo 3 – Patrimônio, memória, paisagem, arqueologia	13
Eixo 4 – Patrimônio, acervos, inclusão, preservação	19
Eixo 5 – Agricultura, colonização, migrações	26
Eixo 6 – História Ambiental	33
Eixo 7 – História da fronteira sul e movimentos sociais	45

Eixo 1 – Pesquisa, ensino e gênero

Violências LGBTQIAPN+ no Oeste Catarinense e os movimentos de resistência (2014-2024)

Gerson Junior Naibo

Vinícios Nalin

Leanne Oliveira de Araújo

As violências e as suas mais diversas expressões de ódio fazem parte da sociedade desde os tempos mais remotos. No que diz respeito à população Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, *Queer*, Intersexual, Agênero, Pansexual, Não-binária, entre outros (LGBTQIAPN+), o assunto é ainda mais delicado e alarmante, essencialmente para os municípios que configuram o Oeste Catarinense, que possuem uma característica histórica eminentemente coronelista e conservadora. Deste modo, a presente pesquisa busca investigar como as violências sofridas pela população LGBTQIAPN+ resultou/resultam em um movimento de resistência e luta no Oeste de Santa Catarina entre os anos de 2014 e 2024. Esta se configura como uma análise quali-quantitativa, por abordar tanto estudos teórico-bibliográficos quanto levantamento secundário de dados estatísticos governamentais e de instituições independentes. Tendo como principal característica analítica a interdisciplinaridade, como resultados iniciais, apontamos para a falta de dados oficiais e regionalizados sobre a população LGBTQIAPN+. Essa questão refere-se tanto a pesquisas como o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como os boletins de ocorrência policiais. Ambas as situações acima mencionadas são fundamentais para a criação e aplicação de políticas públicas, visando a sanar tais problemáticas e adversidades. Por fim, como conclusão, ressaltamos que, embora institucionalmente não tenhamos avanços significativos no âmbito regional e local, o movimento LGBT do Oeste de Santa Catarina tem configurado-se como uma resistência às mais diferentes formas de violências e opressões. Ao longo dos anos, este tem sido protagonista de inúmeras conquistas para essa população, suprimindo, assim, algumas das falhas e lacunas governamentais.

Colonialidade e gênero no ensino de Matemática: uma história a partir da Lei de 15 de outubro de 1827

Fernanda Schons

Guilherme José Schons

O trabalho que apresentamos investiga – sob a perspectiva do gênero e com base em referenciais teórico-metodológicos pós-coloniais e decoloniais –, no âmbito da história do

ensino de Matemática, a Lei de 15 de outubro de 1827. Em nossa pesquisa, a normativa que “manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio” é compreendida como parte de um movimento mais amplo no cenário da institucionalização da escola pública no Brasil, construção essa que será aludida por meio de revisão de literatura e referência a estudiosos da formação da sociedade nacional. Na sequência, nos esforçaremos no sentido de inquirir o caráter patriarcal e machista daquela conjuntura a partir da exposição dos artigos da legislação, bem como exame dos posicionamentos de parlamentares à época. No bojo da história social do currículo, depreendemos que a segregação por gênero, tanto em relação ao acesso aos saberes escolares, quanto no que tange ao direito de ocupar o espaço escolar esteve prescrita em lei no Império brasileiro. Dessa forma, reivindicamos que a desigualdade em que se assentou o processo de escolarização contribuiu para perpetuar uma série de assimetrias entre homens e mulheres no que se refere a direitos, oportunidades e representatividade – o que caracteriza o quadro estudado enquanto um passado sensível no tempo presente.

A escrita testemunhal de Paulina Chiziane, narrativas de mulheres moçambicanas em uma guerra (1976 – 1992)

Luana Maiara Backes

Essa pesquisa visa analisar, através de perspectiva histórica com abordagem interseccional, a narrativa da autora moçambicana Paulina Chiziane, na obra *Ventos do Apocalipse* (2023) - principal fonte – caracterizada por ser uma escrita testemunhal, aborda questões sobre os múltiplos papéis da mulher na sociedade moçambicana durante a guerra civil. Buscando responder a pergunta: Como a escriturização de Paulina Chiziane pode contribuir para o protagonismo da mulher moçambicana e para uma perspectiva de libertação do povo moçambicano? Através da análise desta obra literária, busca-se compreender o papel crucial das mulheres no contexto social da guerra civil de Moçambique (1976 - 1992), Chiziane, que esteve presente durante essa luta armada, utiliza-se principalmente de relatos de mulheres que chegaram até ela através do trabalho da cruz vermelha, para provocar reflexões sobre a sociedade moçambicana, colonialismo, a identidade da mulher negra africana e os caminhos para a libertação. A metodologia empregada é fundamentada na pesquisa biográfica, estabelecendo conexões entre a narrativa central e conceitos teóricos relevantes: o feminismo decolonial através de (Vergès, 2020) os conceitos e estudos interseccionais abordado por Patricia Hill Collins (2020), Grada Kilomba (2019), Djamila Ribeiro (2017), bell hooks (2015) e a questão da violência a partir de Frantz Fanon (2022). Espera-se que esta pesquisa seja uma forma de contribuição para se pensar nas condições e ações das mulheres moçambicanas no período da guerra civil de Moçambique, tanto daquelas que participaram como soldadas ou ajudantes ativas, quanto daquelas que em meio a todo o caos político e climático foram provedoras e protetoras da vida dos seus.

O Programa de Pós-graduação em História da UFS: um perfil dos discentes por diferentes ângulos

Antonio Marcos Myskiw

O propósito deste estudo é explicitar, por meio de dados quantitativos extraídos do Sistema de Gestão da Pós-Graduação (SGP) da UFS e da Plataforma Sucupira (da Capes), um perfil dos discentes que ingressaram (via processo regular e em disciplinas isoladas) durante os oito primeiros anos de funcionamento do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. Explicitar para planejar os próximos anos do PPGH, eis o objetivo deste estudo, pois o conjunto de dados levantados e organizados em tabelas, mapas e gráficos, mostram que o índice de evasão/desistência é de 2,98%; que, dos 134 alunos regulares matriculados, 55,22% são do sexo masculino e 44,78% do sexo feminino; que 73,88% se autodeclararam de cor/etnia Branca, 2,23% de cor Preta, 12,68% de cor Parda, 1,34% de cor Amarela, 1,34% da etnia indígena e 10,44% não se autodeclararam; que 80,59% dos matriculados residiam no Estado de Santa Catarina (SC), quando do início do curso de Mestrado e, que destes matriculados, 48,50% residiam em Chapecó/SC; que, entre os discentes que concluíram o mestrado em História (92 alunos), o tempo médio de duração do curso (entre a matrícula e a defesa da dissertação) foi de 25,48 meses; que os egressos do mestrado em História do PPGH atuam em 28 cidades de Santa Catarina, 9 cidades do Paraná e 6 cidades do Rio Grande do Sul. Tais dados permitem construir um perfil dos discentes nestes 8 anos de funcionamento e, também, maturar caminhos para ampliar a diversidade étnica e de cor; de pensar mecanismos de atração de discentes de outros estados e de países vizinhos.

Como a pesquisa específica de gênero em história antiga nos desperta para a sua pluralidade?

Bruna Gonçalves de Barros

Renato Viana Boy

O estudo de gênero em mitologia grega antiga permite, para além de analisar divindades femininas e respectivas idealizações para as mulheres atenienses de grupo aristocrático, perceber outras existências do feminino no mesmo período de tempo. Através da possibilidade de se pensar como os arquétipos divinos influenciavam a visão das mulheres de existência física real, já é notável o quanto contrastavam com a posição submissa comumente associada. Entretanto, em um estudo onde busca-se analisar feiticeiras do campo fictício, mulheres míticas, estrangeiras na Grécia Antiga, torna-se ainda mais interessante refletir sobre quais possíveis diferenças ou similaridades que surgem entre grupos distintos. Assim, as mulheres atenienses opõem-se em muito sobre as estrangeiras e vice-versa, ocorrendo o mesmo no campo mais puramente fictício. A mitologia grega, nesse sentido, ajudava a moldar percepções sobre o que significava ser uma mulher dentre as suas categorias, diferenciando-as e destacando a alteridade presente no feminino. Portanto, uma

pesquisa de gênero – segundo a abordagem de Joan Scott – diante de arquétipos e idealizações, permite uma nova análise que nos leva a questionar os papéis atribuídos ao feminino e nos desperta a curiosidade sobre a outra, neste caso, estrangeiras que fazem uso de fórmulas mágicas.

Guerra Civil Farroupilha em Santa Catarina: possibilidades de pesquisa

Janaita da Rocha Golin

A guerra civil farroupilha ocorrida entre os anos de 1835 e 1845 foi amplamente abordada e debatida pela historiografia. Mas, apesar de haver trabalhos importantes sobre o tema, percebe-se algumas lacunas que podem ser exploradas. A Província de Santa Catarina frequentemente aparece nas análises historiográficas de forma efêmera. Abordada de forma cronológica durante a insurreição é reservado ao território catarinense, essencialmente, os anos de 1838 e 1839, em que ocorreu a ocupação de Lages e Laguna, partindo na maioria das vezes com uma descrição breve dos acontecimentos. Esta proposta de comunicação tem o objetivo de abordar a Província de Santa Catarina no recorte cronológico entre o período de 1835 a 1845, privilegiando a guerra civil farroupilha e seus desdobramentos neste território. A preservação da memória mediante as fontes e acervos é crucial para o desenvolvimento desse trabalho. Os autores contribuíram para as questões teórico metodológicas de fronteira e história regional, conceitos que perpassam a análise deste estudo. Além disso, fontes manuscritas, impressas e digitalizadas foram preservadas ao longo do tempo. Os documentos encontrados na Coleção Varela, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Coleção Varela), Cadernos do Centro de História e Documentação Diplomática, Jornal O Povo, Revistas do Instituto Histórico e Geográfico, Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Arquivo Público de Santa Catarina, os arquivos da Casa Candemil são algumas das fontes históricas em que se encontram fragmentos que nos ajudam a escrever um pouco desta história.

(Re)pensando o misticismo pelo gênero, o caso de revelações do amor divino e o livro de Margery Kempe (séculos XIV-XV)

*Victória Artigas Pause
Renato Viana Boy*

A presente comunicação é a partir da incipiente pesquisa que propõe analisar as obras literárias Revelações do Amor Divino (finalizado em fins dos anos 1390) e O livro de Margery Kempe (finalizado aproximadamente em 1440) considerando-as como atos de resistência às estruturas de gênero vigentes do findar da Idade Média. Desse modo, pretende-se problematizar as narrativas para (re)pensar identidades de gênero a partir da fé das protagonistas. Assim, é necessário identificar as diferenças sociais e culturais, produtos de uma generificação, que eram percebidas pelos sujeitos e como esses se relacionam com

esses regimes de alteridade, gênero e como isso impactou nas histórias das personagens. Neste sentido, o objetivo geral é demonstrar que as protagonistas subvertem as normas imperativas de gênero, estas em que os indivíduos precisam se perceber com as identidades postas por uma estrutura generificada. Desta maneira, vemos nas narrativas a possibilidade de compreender mulheres que conseguem ter poder de ação por meio da fé para repensarmos os estudos de identidades.

Eixo 2 – Presença africana, quilombos e cidadania

Atlas quilombola: mapeamento e monitoramento das comunidades remanescentes de quilombo do Brasil

Vicenzo Gostinski Bieseki

A Atlas Quilombola é um produto do Observatório Quilombola de KOINONIA que desde 2023 - através de uma parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS-Erechim) – tornou-se um projeto de extensão desenvolvido pelo Observatório de História da Fronteira Sul (OHFSul), um grupo de estudos e pesquisas vinculado ao curso de Licenciatura em História. Ao acessar o Atlas Quilombola você encontrará a lista das comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares e tituladas pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária em todos os estados. Além disso, você também poderá acessar verbetes sobre os quilombos escritos por quilombolas e pesquisadores de várias áreas. O Atlas Quilombola está em constante atualização. Para essa comunicação apresentaremos os dados do estado do Rio Grande do Sul.

Negros no Brasil: um olhar a partir da fronteira da cidadania

Eliane Taffarel

Durante os debates da Constituinte de 1823, negros livres e escravizados e indígenas foram considerados por muitos deputados como não-cidadãos. A lei, outorgada em 1824, foi ambígua nessa questão. Em 1889, se inicia a República do Brasil e com ela, a necessidade de uma nova Constituição. O presente estudo faz uma análise do que se alterou com a mudança da forma de governo e a partir da nova legislação, de 1891. O objeto de análise, a partir da lei, é a comunidade Quilombola Invernada dos Negros. No pós-abolição, essa comunidade negra rural, não foi atendida em seus direitos básicos para uma efetiva cidadania. A falta de acesso à saúde e educação ficam explícitos em documentos cartoriais e judiciais. Registros de óbito, por exemplo, destacam que a grande maioria faleceu em casa, sem assistência médica. Além disso, a maioria deles foi registrada por analfabetos. Na questão educacional, ainda, podemos analisar a partir dos processos que envolvem a terra, o quanto a falta de acesso à educação contribuiu para a expropriação do território, já que a comunidade confiou nos “homens letrados” e estes, por sua vez, se utilizaram de mecanismos jurídicos para se apropriar de parte do território. O contexto republicano, no pós-abolição, não foi efetivo para garantir cidadania aos moradores da Invernada dos Negros assim como ocorreu em outras comunidades negras do país.

O caso de Alcebiádes Vargas da Cunha, vulgo Gaiteiro: uma análise do crime e cotidiano (Erechim/RS – 1950)

Daniel da Silva Amorim

No dia 16 de agosto de 1957, o Promotor de Justiça Eduardo Pinto ofereceu a seguinte denúncia: na noite do dia 03 de agosto de 1957 o réu Alcebiádes Vargas da Cunha, de cor preta, com 37 anos, agricultor e músico, encontra sua mala aberta e nota a falta de Cr\$1.380,00, Alcebiádes discute com Dorvalina de Tal, mulher de 40 anos, de cor preta, e que o réu havia levado para morar consigo, ela cospe-lhe o rosto e ele tomado de raiva a estrangula, deixando-a sem vida. Desde 1957 na cadeia, o réu é finalmente julgado pelo Juiz de Direito Antônio Flores Cruz como culpado. Sua sentença é a prisão durante 3 anos e outros 3 em Colônia Agrícola, devido sua periculosidade indicada pelos peritos do Instituto Psiquiátrico Forense, sendo solto em 1963. Para essa comunicação será apresentado o perfil e a trajetória de vida do réu de acordo com o que consta no processo que o condenou. Destaca-se as diversas instituições pelas quais Alcebiádes passou e as diferentes impressões que ele causou nas autoridades locais. Através do processo criminal de Alcebiádes – depositado no Arquivo Histórico Municipal Juarez Illa Font (Erechim/RS) – se buscará compreender como era sua vida no campo como picador de lenha vivendo por empreitada no interior do Rio Grande do Sul da década de 1950. Em uma região marcada por forte imigração europeia, o processo criminal de Alcebiádes permite aproximar-se da experiência de um homem negro no pós-abolição da fronteira sul do Brasil.

Entre fronteiras: a Colônia Militar do Xapecó sob a gestão catarinense (1916-1925)

Leticia Maria Venson

A Colônia Militar do Xapecó foi instalada em 1882, em território considerado paranaense, porém, após a Guerra do Contestado (1912-1916) esse território foi transferido para o estado de Santa Catarina. Portanto este trabalho tem como objetivo analisar como o estado de Santa Catarina enfrentou as complexidades de administração territorial e de gestão dos colonos civis e militares, tendo como recorte temporal os anos de 1916 a 1925. Como metodologia utilizamos o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, que possibilita uma leitura detalhada de indícios e aspectos sutis nas fontes históricas, proporcionando uma análise aprofundada dos impactos da transição administrativa. As fontes analisadas incluem relatórios do Ministério da Guerra, periódicos da Hemeroteca Nacional Digital e documentos dos Arquivos Públicos de Santa Catarina e do Exército. A pesquisa revela que o governo catarinense encontrou dificuldades para garantir segurança jurídica aos colonos, que, sem títulos definitivos, permaneceram em uma situação de vulnerabilidade. Embora houvesse um esforço para legitimar esses títulos, o processo de regularização mostrou-se burocrático e frequentemente excludente, beneficiando elites locais e empresas de colonização com recursos para atender às exigências de medição e documentação. Em contraste, colonos caboclos e posseiros ficaram em desvantagem, enfrentando incertezas sobre a posse de suas

terras e expostos a litígios fundiários que persistem até os dias de hoje. A falta de revalidação de títulos provisórios ampliou a insegurança fundiária, favorecendo grandes proprietários e marginalizando pequenos agricultores, perpetuando conflitos e desigualdades que permanecem na região.

Uma primeira aproximação às fronteiras espaciais e culturais no sul da América Portuguesa a partir da chegada dos europeus

Lucía T. Rombolá

Mirian Carbonera

No século XVI, a chegada dos europeus ao continente americano trouxe modificações ecológicas e sociais por toda a região. No sul da América Portuguesa, atualmente sul do Brasil, o contato entre espanhóis, portugueses e povos indígenas pode ser compreendido como uma zona fronteira, onde o território estava em disputa, com rivalidades e alianças entre populações com interesses conflitantes e diferentes relações com o meio ambiente. Além disso, podemos entender o conceito de fronteira em um sentido identitário: os grupos étnicos são categorias atributivas e identificativas usadas pelos próprios atores em presença do "outro". Com a chegada dos europeus, as relações entre as populações indígenas foram reconfiguradas, uma vez que a etnicidade é um processo dinâmico ligado às mudanças históricas. Em certos momentos, alguns grupos se aliaram, considerando os europeus como "outros", enquanto, em outros, as inimizades pré-existentes entre os povos foram exacerbadas. Por sua vez, os europeus estabeleceram alianças com diferentes grupos indígenas. Neste trabalho, buscamos explorar as características das diferentes fronteiras por meio da leitura de fontes etno-históricas espanholas. Como primeira aproximação ao tema, utilizaremos os registros de viagem de Ulrich Schmidl, que foi um alemão que participou nas expedições espanholas. Nosso interesse é caracterizar as identidades particulares dos Guarani e dos europeus nos séculos XVI, XVII e XVIII, no sul da América Portuguesa, além de compreender os espaços de fronteira cultural, as alianças e os conflitos gerados entre as identidades populacionais que coexistiram na região durante o período estudado.

Eixo 3 – Patrimônio, memória, paisagem, arqueologia

Mapeamento dos monumentos que representam a colonização do Oeste de Santa Catarina

Vera Lucia Prigol

Antonio Marcos Myskiw

Neste trabalho, abordaremos alguns aspectos da pesquisa que estamos desenvolvendo em torno dos monumentos que representam a colonização da região oeste de Santa Catarina. Os conceitos de representação, patrimônio e monumento são utilizados como suporte teórico neste estudo. Mapeamos os monumentos existentes nas cinco microrregiões do grande oeste catarinense, totalizando 118 municípios. Para o desenvolvimento do mapeamento, além da visita in-loco a todos os municípios, consultamos sites dos municípios, mantivemos contato por telefone com muitas prefeituras para confirmar dados sobre os monumentos, além de fotografar os monumentos existentes. A partir deste mapeamento, apresentamos alguns dados quantitativos e qualitativos sobre os monumentos, tais como o número de monumentos existentes em cada microrregião, o número de monumentos que representam a colonização e informações sobre mentores dos monumentos e em que época foram produzidos.

A cidade santa de Santa Maria e a paisagem cultural do Contestado

João Felipe Alves de Moraes

Este trabalho tem como objetivo analisar a paisagem do Contestado na perspectiva do conceito de patrimônio sombrio, por meio do estudo de caso do sítio histórico de Santa Maria. Essa pesquisa ainda está na fase inicial e está sendo desenvolvida no doutorado do autor. Localizado na área rural onde hoje é a cidade de Timbó Grande - SC, Santa Maria foi construída pelos sertanejos em novembro de 1914. Este vilarejo foi o maior ajuntamento feito pelos sertanejos durante a guerra, possuindo mais de 5000 casas. Em abril de 1915 a cidade foi invadida e destruída pelo exército. Foram utilizados diversos documentos históricos para esta investigação, entre eles: croquis, escritos de militares, processos judiciais, telegramas e pesquisa de campo. Tendo em vista o debate teórico-metodológico, nós buscamos estabelecer neste trabalho um diálogo sobre os conceitos de paisagem cultural e patrimônio sombrio, a fim de construir uma relação entre ambos. A escolha pelo estudo da paisagem se deu pela relação entre cultura e natureza apresentada no conceito de paisagem cultural e pelo fato de que a população do Contestado mantém uma relação estreita com a paisagem, o que pode ser observado desde o período do conflito até a atualidade. Porém,

atualmente, essas práticas culturais pouco adentram os lugares em que se localizavam as cidades santas, portanto, possibilita a hipótese destes espaços serem o que a historiografia considera como patrimônio sombrio. Por fim, esperamos contribuir para os debates relacionados aos patrimônios históricos e culturais do Contestado.

Memórias e representações dos moinhos na história de Chapecó

*Aline Maisa Lubenow
Elisandra Forneck*

O presente trabalho objetiva apresentar a história e memória de diversos moinhos no município de Chapecó no decorrer do século XX. A pesquisa buscou mapear e discorrer sobre a constituição e funcionamento destes estabelecimentos, analisando sua importância para o desenvolvimento regional, economia e cultura. Foram utilizadas como fontes históricas fotografias, além da história oral e análise de documentos. Desta forma, promovendo o debate sobre a importância destes como parte importante do Patrimônio Cultural e Histórico do Oeste Catarinense. Os moinhos estavam presentes no cotidiano da população do oeste catarinense, pois a região era predominantemente agrícola. O moinho era essencial para transformar os grãos produzidos em suas propriedades em diversas farinhas, pois, não havia a venda de cereais processados nos armazéns de secos e molhados. É nesse contexto que podemos observar a importância desses estabelecimentos tanto como forma de subsistência, como também para o fortalecimento da economia local. No entanto, com o processo de industrialização, muitos deles foram desativados dando lugar a moinhos mais modernos, o que implicou em mudanças na produção dos cereais. Os moinhos mais antigos, objeto do presente estudo, produziam um fubá integral, diferente daquele produzido industrialmente, em escala maior. Atualmente, é raro encontrarmos um moinho antigo em funcionamento. Este projeto foi contemplado no edital municipal de fomento e circulação das linguagens artísticas do município de Chapecó 2023.

Projeto binacional: Arqueologia, patrimônio e memória da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870)

*Jaisson Teixeira Lino
Nathan Chraister Santos Lourenço
Laís Amanda Balzan
Andreia Richtyelly Dos Santos Corassa
Marcelo Augusto de Souza
Tayna Ayme Pelegrini Mohr*

A comunicação visa apresentar os dados obtidos, de modo parcial, de projeto de pesquisa que está em andamento, sobre a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), com foco na Arqueologia e Patrimônio Cultural deste que foi o maior conflito transnacional do continente

americano. Com foco teórico centrado em estudos sobre a cultura material de conflitos, a metodologia segue preceitos específicos de pesquisas de campo e laboratório da arqueologia, e de análises e inventários do patrimônio, com vistas a ofertar novos olhares sobre o referido tema. Resulta disso o estudo documental e bibliográfico com foco nas materialidades, e etapas de campo que até o momento contemplam atividades de pesquisa em arquivos, bibliotecas e museus, e de registro e análise de campos de batalha, cemitérios, coleções de artefatos particulares, fortificações, naufrágios, hospitais, quartéis-generais, acampamentos militares, dentre diversos de outros tipos de sítios de interesse para a investigação localizados nos quatro países envolvidos: Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. Sem perder o foco no estudo de temas como reparação histórica, impactos físicos na paisagem, as relações entre memória e monumentos, etc., a continuidade do projeto buscará avançar em todos os seus objetivos supracitados, destacando-se o avanço em escavações arqueológicas sistemáticas e análises de coleções artefatuais já coletadas previamente, educação patrimonial, bem como aprofundar as reflexões sobre os usos do patrimônio da Guerra em suas complexas relações com a história, memória e geografia.

Memórias e paisagens: expropriação e colonização do Faxinal do Tigre

Angela Regina da Silva Sulzbach

Marlon Brandt

O artigo tem por objetivo analisar, a partir da memória de antigos moradores, as transformações da paisagem no Faxinal do Tigre, que compõe parte do atual município de Guatambu, no Oeste de Santa Catarina, a partir do processo de colonização que se inicia na região, a partir da década de 1920, até a década de 1950, quando essa passa a dominar a paisagem local. Para compreender esse processo, a pesquisa, se valendo dos preceitos da História Ambiental, procura, a partir de fontes orais, compreender como esse processo, que trouxe uma série de transformações nesse espaço, tanto relacionados à questão da terra, com a expropriação da população cabocla e conflitos quanto nas suas novas formas de uso a partir da vinda de migrantes de origem alemã e italiana provenientes do Rio Grande do Sul foi representado e percebido por esses moradores.

Ilustração e representação do autor na literatura de viagens do século XIX

Jairo Paranhos da Silva

A respectiva proposta apresenta, sinteticamente, algumas reflexões sobre retratos na literatura de viagens. Elas partem da análise do livro escrito por François Auguste Biard (1798-1882) nomeado *Deux années au Brésil*, publicado pela editora Hachette em 1862. O texto narrou os dois anos nos quais o referido autor viajou pelo Brasil, descrevendo e analisando a população, clima, vegetação e hábitos culturais. Ainda, traz vários desenhos de Biard interagindo com o ambiente que descreve, como se fosse um personagem em sua

própria história. Diante dessa pluralidade de discursos e representações em texto e ilustrações, nos interessa o modo como o próprio Biard foi ilustrado em sua narrativa da excursão. Para aprofundar a discussão pretende-se comprar alguns quadros e pinturas do artista, no qual é modelo, com o modo como o mesmo se deixou representar em gravuras nas páginas do seu livro. Apontar as semelhanças e diferenças das representações sobre a imagem e corpo do artista, a fim de compreender o processo de produção de um discurso sobre o viajante e a viagem. A partir disso, e associado à discussão que Foucault (2015) faz sobre a noção de autoria, tentamos compreender como as ilustrações do autor François Biard em *Deux années au Brésil*, contribuíram na formulação de uma representação sobre o autor, e sobre àqueles que escreveram relatos de viagem ao longo do oitocentos.

A criação do Bairro SAIC e a transformação da paisagem cultural

Luciano Adilio Alves

Os frigoríficos surgiram no Oeste catarinense a partir dos anos 1940. Uma dessas agroindústrias foi a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (Saic). Fundada em 1952, a Saic iniciou as atividades em 1955, época em que contava com 28 funcionários. A necessidade de ampliar a mão de obra obrigou a empresa a oferecer benefícios aos operários, como a construção de moradias nas proximidades do frigorífico. Uma pequena vila foi se formando aos poucos, o que originou, depois, o Bairro Saic. A urbanização do espaço provocou transformações na paisagem. A paisagem é um testemunho do passado, do relacionamento entre os indivíduos e seu meio ambiente. Ajuda a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições. No caso do Bairro Saic, a paisagem e o patrimônio cultural estão visíveis na herança dos operários que atuaram na indústria durante décadas. Isso se concretiza nas casas em madeira, construídas em estilo arquitetônico próprio, nas festas, na religiosidade predominantemente católica e no ethos do trabalho baseado na derrubada da mata visando o cultivo de alimentos e a criação de animais de corte. O presente estudo pretende focar na década de 1960, quando do surgimento do Bairro Saic, e seguir até os anos 1990. Como fontes serão usados jornais de época, informativos, fotografias, documentos oficiais, entre outros. A partir da metodologia da micro-história, espera-se compreender, resgatar e retratar parte desse processo de transformação da paisagem cultural.

Paisagem cultural no Território Federal de Roraima na Amazônia: uma história marcada pelo “Milagre Amarelo (1968-1978)”.

Rosângela Maria Bezerra da Costa
Jaisson Teixeira Lino

Roraima é um Estado marcado por grandes conflitos principalmente a luta dos indígenas pelo direito a posse da terra, e a garimpagem. Em sua construção surgem pautas voltadas para o

garimpo, este serviu para promover o adensamento populacional do território, que viria a ser a atividade econômica impulsionadora do projeto de integração nacional no período militar. Atual Boa Vista, Capital de Roraima abriga características visíveis em sua Paisagem Cultural, a exemplo a alusão ao monumento o “Garimpeiro”, a Feira do Garimpeiro, a Rua do Ouro, resquícios da época áurea da exploração do minério. Descrever via fatos/acontecimentos como se caracterizou a Paisagem Cultural do então Território Federal de Roraima integrante da Amazônia Brasileira, é a proposta desde estudo a partir da inserção garimpeira no período histórico desse rincão do lavrado descrito na bibliografia de Roraima como o “Milagre Amarelo” (1968-1978). Na busca por melhores resultados optou-se pela análise de conjuntura, por ser um dos métodos bastante aplicado em estudos dos fenômenos sociais do presente/passado, possibilitando observar os fatos, sua conjuntura e suas estruturas históricas, e revisão bibliográfica na literatura. Constatou-se que a caracterização das Paisagens Culturais de Boa Vista foram sim influenciadas pela imersão do “garimpo” em sua formação histórica-sociológica e cultural, e ocorreu em parte por uma série de medidas e ações estratégicas lançadas em prol da territorialização em consonância com os princípios dos governos militares. Vale ressaltar que existem forças contraditórias a esse contexto. Entretanto, as Paisagens Culturais não escondem a sua história tão pouco o seu passado.

Conhecer para preservar: plano educativo do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina/Unochapecó

Stefany Neckel

Pâmela Castioni Medeiros

Adrieli C.C.W. Rodrigeri

Aline Bertoncello

O projeto “Conhecer para Preservar” tem como objetivo desenvolver um plano educativo para a exposição “Povoamentos pré-coloniais de Santa Catarina”, do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó), promovendo um ambiente educativo acessível e adaptado para públicos diversos, incluindo pessoas com deficiência visual, auditiva e de mobilidade. As ações do projeto incluem a realização de uma pesquisa sobre atividades educativas inclusivas em museus e a criação de um documento oficial que sistematize as práticas adotadas. O plano também prevê a aquisição de materiais e equipamentos para viabilizar atividades interativas, entre elas uma simulação de escavação arqueológica, onde visitantes poderão participar de escavações guiadas após a visitação. Além de atender ao público geral, o projeto visa impactar diretamente estudantes de escolas públicas de Chapecó, oferecendo uma experiência educativa rica e acessível. A proposta enfatiza o papel do CEOM como um espaço de diálogo intercultural, onde a preservação do patrimônio arqueológico é conectada à valorização da identidade regional. Ao adaptar suas atividades, o museu não apenas amplia seu alcance, mas também fortalece seu compromisso com a inclusão e com o aprendizado fora dos ambientes escolares formais, tornando-se um espaço ativo de construção de conhecimento para a comunidade.

Patrimônio digital da União: desafios para preservação e acesso

Cinara Reis Flores

Os registros da história nacional vem sendo produzidos em grande escala através de meios digitais, seja em órgãos públicos ou privados. São imagens, fotografias, vídeos e documentos textuais, tudo sendo produzido digitalmente, em ferramentas tecnológicas disponíveis até na palma das mãos, ferramentas essas que estão em constante evolução e substituição, formando um acúmulo de bens patrimoniais digitais difíceis de controlar e preservar. A facilidade que a tecnologia proporciona para produção de registros digitais não é a mesma que proporciona para preservação digital destes registros, trazendo um grande desafio para organismos de preservação de patrimônio. Constantemente é noticiado casos envolvendo perdas ou roubos de dados ou documentos digitais, seja na iniciativa privada ou na administração pública, partindo também para uma questão de segurança da informação, questão essa que não será tratada nesse artigo. Há também aspectos ligados ao acesso do que é produzido digitalmente. O quanto essa produção do patrimônio digital nacional está acessível, se deve ou não deve estar disponível para consulta. Neste artigo, trataremos brevemente sobre legislações que versam sobre o acesso ao patrimônio digital nacional que retrata a história e os interesses da sociedade, o quanto as leis os protegem. Será abordado os desafios para a preservação do patrimônio digital no Brasil. Aspectos legais, financeiros e tecnológicos no âmbito do poder público federal.

Entre a especulação e a preservação: um retrato social da destruição do patrimônio histórico-cultural no território da antiga Vila Passo dos Índios, 2000 – 2023

Gustavo Andre Glienke Feyh

Jaisson Teixeira Lino

O presente trabalho se baseia em uma visão interdisciplinar entre a área de estudo da História e os estudos sobre Patrimônio Cultural. Baseando-se em uma metodologia de análise de fotografias, documentos e processos, busco entender como se deu (e ainda se dá) a desocupação dos espaços urbanos na antiga vila Passo dos Índios (atual centro de Chapecó) a partir da destruição das edificações com interesse cultural construídas entre as décadas de 1950 e 1990, como esses espaços foram/são reocupados a partir de um viés de expansão capitalista e de especulação imobiliária e como essas alterações urbanas impactam na criação de uma memória patrimonial coletiva dos moradores da cidade de Chapecó. Durante o desenvolvimento do presente projeto, também analiso como são desenvolvidos os processos de tombamento no município e, através dos processos judiciais que envolvem a temática da destruição do patrimônio cultural em Chapecó, apontar os pontos fracos e carências da legislação, propondo alterações através de comparações com casos semelhantes ocorridos em outras regiões do estado/país, com o objetivo de fortalecer a luta pelo patrimônio cultural e o desenvolvimento de legislações protecionistas em Chapecó.

Eixo 4 – Patrimônio, acervos, inclusão, preservação

O espaço escolar ante aos múltiplos discursos linguísticos de alunos autistas: uma abordagem semiótica e bakhtiniana acerca da política de comunicabilidade divergente

Maria Luiza Corrêa

Camila Caracelli Scherma

A abordagem histórica do autismo expõe como a compreensão e o tratamento dos autistas foram influenciados pelos contextos sociais e políticos, refletindo práticas de exclusão e marginalização. As pesquisas atuais enfatizam a necessidade de práticas inclusivas e igualitárias que respeitem as múltiplas formas de comunicação e aprendizado dos autistas nos espaços escolares. O objetivo geral da presente pesquisa é vislumbrar como a semiótica e a filosofia da linguagem, especialmente as teorias de Bakhtin (2014) e Vygotsky (1987), fornecem uma perspectiva valiosa para entender as dificuldades de interação social e comunicação dos autistas, destacando a importância da linguagem como um processo histórico-cultural e dialógico. A partir disso, de forma específica, analisar-se-á como a interação social e a comunicação podem ser compreendidas e melhoradas através de uma abordagem semiótica e dialógica (TREVIZAN, 2017), promovendo uma educação inclusiva que respeite e valorize a diversidade neurocognitiva. A inclusão de autistas, no ambiente escolar e na sociedade em geral, deve ser uma prática consciente e fundamentada em princípios de igualdade e respeito às diferenças, conforme estabelecido na Constituição Cidadã (BRASIL, 1988).

História ao alcance de todos: Projeto de acessibilidade para a exposição “Povoamentos pré-coloniais de Santa Catarina” do CEOM/Unochapecó

Bianca Alves da Silva Sexto

Adrieli C.C.W. Rodrigeri

Aline Bertoncello

O projeto “História ao Alcance de Todos” busca tornar a exposição “Povoamentos pré-coloniais de Santa Catarina”, promovida pelo CEOM/Unochapecó, acessível e inclusiva para públicos com deficiência, especialmente para pessoas cegas, com baixa visão e surdas. O projeto foca em duas ações principais: a criação de recursos audiovisuais, como audiodescrição e interpretação em Libras, que serão acessíveis por QR Codes ao longo da

exposição, e um encontro formativo em audiodescrição voltado a capacitar a equipe do CEOM para uma mediação mais inclusiva. Essa formação também foi aberta a profissionais de museus de Chapecó e região, ampliando o alcance e fomentando práticas inclusivas em instituições culturais locais. A proposta reconhece a importância dos museus enquanto espaços de representatividade e inclusão, defendendo o direito de todos ao acesso ao patrimônio cultural, independentemente de suas capacidades físicas ou sensoriais. Além disso, a contrapartida social do projeto prevê mediações da exposição para escolas públicas de Chapecó, com foco em turmas que incluem alunos com deficiência visual e auditiva, fortalecendo o papel do museu na promoção da diversidade e no engajamento comunitário. Ao incluir essas adaptações, o CEOM reafirma seu compromisso com o acesso democrático à cultura e com a valorização da diversidade, ampliando as oportunidades de aprendizado e interação para os diferentes públicos.

“Kangag-Jukre”: A construção de um acervo de entrevistas com estudantes indígenas da UFS

Bianca Aldécia Bitencourt Fontes

O “Acervo Kangag-Jukre” é uma experiência pedagógica desenvolvida pelos alunos do curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS-Erechim) como atividade final da disciplina de História Indígena (2023.2). Nossa proposta nasceu da seguinte questão: “Onde estão os indígenas da UFS?”. A turma foi dividida em 04 grupos: 1) entrevistas; 2) filmagem; 3) transcrição; 4) edição. Para a realização da primeira parte dessa empreitada, contamos com a colaboração de duas alunas e um aluno indígena: 1) Márcia da Silva (Kaingang - RS); 2) Rodrigo Antunes (Kaingang - RS); 3) Bianca Fontes (Baniwa - AM). As filmagens ocorreram no Laboratório de História Oral e Documento. O roteiro das entrevistas foi dividido em 4 eixos: 1) o percurso até a universidade; 2) a experiência na universidade; 3) a experiência no ensino de história; 4) planos para o futuro. O resultado pode ser acessado no canal do grupo de estudos e pesquisas Observatório de História da Fronteira Sul.

Notas sobre origem do setor de tecnologia da informação em Chapecó: aproximações e distanciamentos com o cenário catarinense

Clóvis Alceu Cassaro

Marlon Brandt

O artigo explora a expansão da indústria de software em Chapecó, contextualizando-a no cenário globalizado onde a tecnologia é central na vida cotidiana e no mercado. A indústria de sistemas informacionais cresceu em Chapecó, uma cidade historicamente ligada à agropecuária, acompanhando a transformação tecnológica do século XXI. Em Santa Catarina, o setor começou a se desenvolver nos anos 1960, com cidades como Blumenau e Joinville pioneiras. Chapecó iniciou atividades na área na década de 1980, com empresas

especializadas que atendiam à demanda industrial local. A Lei da Informática de 1984 impulsionou o setor, embora as altas tributações e custos tenham levado ao uso de alternativas, como consórcios de máquinas importadas do Paraguai. Os primeiros empresários de software em Chapecó eram profissionais de fora da região, especialmente vindos da Unisinos, que trouxe uma geração de especialistas. Com a criação do curso de Ciências da Computação na Unochapecó, uma segunda geração de empresários locais começou a surgir. A infraestrutura exigida para o processamento de dados criava barreiras, favorecendo locais com bases industriais sólidas. O artigo ressalta o papel dos empresários formados na própria região para o fortalecimento da economia local e a relevância do setor de tecnologia da informação em Chapecó.

Heavy Metal e além: um estudo sobre a formação e influência histórica do subgênero musical na capital do oeste catarinense

*Antonio Juliano Felipe Tomé
Claiton Marcio da Silva*

Essa pesquisa pretende explorar os subgêneros do rock and roll (heavy metal, thrash metal, death metal, splater metal, entre outros) no contexto entre 1995 e 2020, em Chapecó, oeste do estado de Santa Catarina. Baseando-se principalmente em história oral pretendemos desvendar o contexto etário, social, econômico e cultural dos adeptos desse gênero musical, assim como, sua desvincularização ou não da “colonagem”. Ao entrevistar músicos e também não músicos que fizeram parte direta e indiretamente da cena musical na cidade ao longo de 25 anos. A partir disso compor um cenário histórico onde possamos compreender e debater sobre um tema que ainda não foi abordado de forma acadêmica, enxergamos uma oportunidade de abordar o assunto de uma perspectiva historiográfica. No início dos anos 2000, surgem as bandas de gêneros derivados como Spharion (Heavy Metal), Infamus (Heavy/Thrash Metal) e Mass of Shit (Splater Metal). Bandas com características diferentes das dos anos 1990 e sons derivados de músicas mais pesadas, densas e técnicas, assim como, letras escritas em Inglês. Em consequência da experiência adquirida, alguns desses antes adolescentes e agora adultos, começam a se profissionalizar no ramo da música. Distante das capitais e centros culturais do país, enfrentando grandes adversidades a cultura rock n´roll está presente em diversas faixas etárias dentre os cidadãos nela situados. Porém o heavy metal não é tão difundido, por diversos motivos que pretendemos apresentar no decorrer dessa pesquisa.

“A redenção do Brasil”: o discurso anticomunista da Cruzada do Rosário em Família e o golpe civil-militar em 1964

Anderson José Guisolphi

O trabalho é uma análise da Cruzada do Rosário em Família em São Paulo, no ano de 1964 como ação anticomunista nos meios católicos. Analisamos a narrativa do Padre Patrick Peyton, fundador e organizador das Cruzadas do Rosário em Família, bem como a aproximação dele com o discurso anticomunista dos Estados Unidos e o financiamento de grandes eventos católicos na América Latina, a partir de 1959. Na biografia do Padre Patrick Peyton, a autora Jeanne Gosselin Arnold, membro do movimento fundado pelo padre, dedicou um capítulo especial no qual fez um relato minucioso dos eventos de 1964 no Brasil. O objeto desta apresentação é a análise deste capítulo, metodologicamente pautado pela análise do discurso, interpretamos o engajamento do Padre Patrick Peyton e demais membros do movimento fundado por ele, no combate ao discurso comunista nos meios católicos, o chamado anticomunismo católico. A fonte analisada apresentou uma narrativa objetiva, demonstrando que os membros do movimento tiveram clareza dos objetivos da Cruzada do Rosário em Família em São Paulo, em 1964, como desencadeador da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que antecedeu ao golpe civil-militar.

Várzea fora de foco: um paralelo entre o futebol de Constantina e a construção da história da imprensa esportiva no Brasil

Valeria Romanzini Cenci

O jornalista Paulo Vinícios Coelho (2003) inicia a escrita da obra “Jornalismo Esportivo” com uma frase de Graciliano Ramos, na qual o autor de Vidas Secas afirma que futebol era algo que não poderia vingar no Brasil. O futebol levou tempo para conquistar as páginas dos jornais, pois não era considerado um assunto merecedor do mesmo papel ocupado por política e economia (Coelho, 2003). Porém, com a popularização da modalidade e com a ascensão do rádio mudanças puderam ser observadas. Com a explosão das transmissões na década de 1950, o futebol e o jornalismo esportivo deram as mãos e juntos levaram emoção, construíram heróis e paixões passadas por gerações. Para entender esse contexto, é preciso destacar que o jornalismo esportivo nasceu com coberturas das equipes de remo no Rio de Janeiro no fim do século XIX. Com a ascensão do futebol, as glórias foram passadas de uma modalidade para outra. O presente trabalho visa observar o papel do futebol no jornalismo esportivo nos centros urbanos em paralelo com Constantina/RS. Com base na teorização de História Conectada (Subrahmanyam, 1997), o objetivo é compreender relações no espaço, a produção e a atenção do futebol profissional em detrimento do praticado no município. A observação considera os jornais Integração Regional e Folha da Produção, além da rádio Atlântica, entre os anos 2000 e 2016 (quando o Campeonato Municipal encerra) e o espaço dado às competições locais e a dupla GreNal, considerando os contextos históricos em que a imprensa esportiva se construiu no Brasil.

“Todo dia nunca é igual”: Gazeta do Povo e suas convicções conservadoras (2017)

Luiz Henrique Grolli Ivanowski

Este trabalho busca compreender as mudanças editoriais realizadas pelo jornal Gazeta do Povo em 2017. Fundado em 1919, em Curitiba, o jornal sempre se apresentou como alternativa aos grandes veículos da cidade e, ao longo de sua trajetória, adaptou-se às transformações do mercado e da tecnologia, incluindo o pioneirismo no ambiente digital. Em 2017, a Gazeta do Povo adota um novo posicionamento editorial: abandona a edição impressa, passa a priorizar o formato digital e adota uma linha pautada pelo conservadorismo moral e pelo liberalismo econômico. A nova orientação inclui a publicação de uma declaração de valores, chamadas de convicções editoriais, reforçando o foco no conservadorismo. Além disso, o jornal reformula seu corpo de colunistas, incorporando figuras de destaque no movimento conservador brasileiro. Este estudo será desenvolvido com base em revisão bibliográfica sobre jornalismo e análise das fontes que refletem os valores editoriais atualizados da Gazeta.

Geraldo de Gales e a ascendência miscigenada: o hibridismo étnico-cultural da *March galesa* nos séculos XII e XIII

Igor Matheus Donzelli

Giraldus Cambrensis (1145/6-1223), também conhecido como Geraldo de Gales, foi um homem culto, opinativo, com muitos interesses, como linguística, pessoas, animais, etnografia, ciência, história e religião. Através de sua mãe Angharad e de sua avó Nest, possuía laços familiares com muitas dinastias poderosas do País de Gales e da Normandia, e através de seu pai, era parente dos *marcher* lordes normandos, tornando-o um híbrido de ambas as heranças as quais estavam em desacordo no século XII. Esta ascendência mista concedia-lhe tanto benefícios quanto percalços, porquanto transitava entre espaços sócio-culturais distintos, carecia de plena confiança de ambos os estamentos políticos, vinculados a aristocracia galera e anglo-normanda. Esta é a razão pela qual ele fracassa em seu mais cobiçado objetivo: ser eleito ao cargo de bispo na catedral de São Davi, conquanto tenha sido qualificado e nomeado para a posição. Não se sabe muito sobre sua infância, mas segundo ele mesmo, se interessou pela igreja e pela religião desde relativamente cedo, construindo igrejas de areia quando brincava com seus irmãos na praia de Pembrokeshire, no castelo Manorbier. Devido às suas obras e publicações, possui-se referências e documentações sobre o País de Gales e a Irlanda na Britânia do século XIX, ademais, faz-se possível a compreensão de seu sentido de pertencimento. Esta comunicação visa explorar a construção da identidade galesa e normanda em Geraldo e as relações do País de Gales, à época, com os anglo-normandos em um nível social.

Prática médica e legalidade em tempos de crise: o caso do médico lituano Constantino Czyncyk no pós-guerra

Maria Eduarda dos Santos

Considerado o maior conflito militar do século XX, a Segunda Guerra Mundial mobilizou nações em todos os continentes. Entre os anos de 1939/1945 “Os Aliados” – Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética – combateram o “Eixo” formado pela Alemanha, Itália e Japão. Por conta da devastação ocasionada pela guerra, muitos europeus buscaram refúgio em outros países. Foi exatamente isso que o médico lituano Constantino Czyncyk fez quando foi morar em Campinas do Sul, no interior do estado do Rio Grande do Sul. Em terras brasileiras, Constantino não tinha como se sustentar e chegou a depender da doação de vizinhos para sobreviver. Ao perceber a escassez de profissionais de saúde na região, o lituano procurou o médico local - Dr. Dante Machado de Moraes – em busca de uma oportunidade de trabalho. Constantino então, passou a atuar como assistente do médico, já que seu diploma não era validado no Brasil. Tudo corria bem até que em 1945 o farmacêutico italiano Máximo Marchesi denunciou Constantino por prática ilegal da medicina, tendo como cúmplice, o médico Dante. Para essa comunicação, a partir do processo criminal impetrado contra Constantino Czyncyk, apresentarei as relações entre a prática médica, a legalidade e a necessidade em tempos de crise. Busco compreender, de maneira mais ampla, como contextos de escassez podem desafiar as normas estabelecidas e levantar debates éticos e jurídicos sobre quem tem o dom, o direito e o dever de curar.

“Por não saber quando será Deus, nosso senhor, servido levar-me para si”: práticas testamentárias e ritos fúnebres na Capitania do Rio Grande (1767-1799)

Leanne Oliveira de Araújo

Este trabalho tem por objetivo analisar e demonstrar a existência de uma dupla preocupação, terrena e celestial, presente nos testamentos e nos vestígios materiais dos colonos da Capitania do Rio Grande entre 1767 e 1799. Constitui-se enquanto os primeiros apontamentos de uma pesquisa em curso, portanto, com base em fontes escritas e materiais, será elaborada uma análise dos testamentos presentes no livro “Últimas Vontades”, do autor Thiago Torres, que reúne 31 testamentos dos habitantes da Freguesia de Natal e circunvizinhanças, no século XVIII. Assim como, tenciona-se por meio dos vestígios materiais envolvidos nas práticas funerárias elaborar um estudo sobre a morte nesse recorte temporal e espacial. Dessa maneira, pretende-se explorar as práticas mortuárias, descritas nos testamentos e suas particularidades, como também, analisar as práticas de bem morrer e os objetos envolvidos nesse rito, imprescindíveis para a passagem do cristão da vida para a morte, descritas nos livros de mesmo nome e por fim, investigar a Legislação Civil sobre as práticas testamentárias. Ademais, pretende-se realizar um mapeamento dos locais dos ritos funerários e a identificação ou não dos entrelaçamentos culturais, essa interligação entre as práticas oriundas da tradição cristã católica ocidental da metrópole portuguesa e as novas

configurações na América Portuguesa. Por meio de uma pesquisa quantitativa e qualitativa e dos aportes teóricos de autores da área, objetiva-se comprovar a existência da dupla preocupação nas práticas mortuárias, bem como a existência de uma específica forma de experienciar a morte em Colônia.

Eixo 5 – Agricultura, colonização, migrações

Uma perspectiva decolonial sobre a discriminação no Norte do Rio Grande do Sul

Felipe Favaretto

A pesquisa ressalta a longa história de discriminação enfrentada pelos caboclos no norte do Rio Grande do Sul, destacando tanto a expropriação de terras quanto a negação de identidade que têm sido características marcantes. O objetivo principal é trazer à luz a importância histórica dos caboclos, que ao longo do tempo foram marginalizados e apagados pelo processo de colonização. Para tanto, a pesquisa propõe uma abordagem decolonial como um caminho fundamental para reconhecer e valorizar a herança étnico-racial dos caboclos na região mencionada. Essa abordagem busca especificamente promover uma visibilidade histórica dos caboclos, que têm sido silenciados pelas narrativas dominantes do colonialismo.

Percepções venezuelanas sobre as condições recentes da Venezuela: um diálogo com a história do país

Gabriel Vaz Ribeiro Chaves

Essa comunicação tem como objetivo refletir sobre as percepções de Venezuelanos acerca das condições recentes da Venezuela em diálogo com alguns aspectos da história da país. Em um primeiro momento buscaremos refletir sobre a estrutura social da Venezuela no período colonial, marcada pela produção e exportação de cacau e café, onde a hierarquia social estava ligada ao local de nascimento, condições hereditárias, as Castas. Após, discutiremos a Venezuela no século XX a partir da ascensão do petróleo em 1917 e a década de 1930-70, marcada pelo declínio do cacau e do café bem como a consolidação da renda petrolífera. Este período é fortemente definido pela extração de petróleo, sendo a renda petrolífera um grande fator de modernização e, sobretudo, de diferenciação social na Venezuela. O Estado desempenhou um papel crucial no enriquecimento e na divisão do trabalho, promovendo a mobilidade social (coletiva e individual), características marcantes da modernidade. Por outro lado, a mobilidade social na Venezuela no século XX resultou em uma transformação da estrutura social, sendo singular em comparação com outros países da região. Isso se deve à distribuição desigual da renda petrolífera, que promoveu mobilidade sem as mudanças sociais típicas de outros contextos. Por fim, analisaremos a Década de 1980, considerada o período inicial da crise econômica e social do país.

Fronteiras simbólicas: globalização e xenorracismo no novo fluxo (i)migratório no Alto Uruguai Gaúcho

Henrique Antônio Trizoto

Debates relacionados a racismo, imigração, xenofobia tem se tornado pauta frequente na academia. Os olhares multifacetados dos grupos sociais que recebem diariamente e incessantemente informações, notícias falsas por meio das redes sociais tem impactado negativamente na construção destes debates e espalhado intolerância onde os debates acadêmicos não chegam. Neste sentido, sob as luzes da história cultural / história do tempo presente, nossa proposta versa pela análise de dois fluxos (i)migratórios em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul (Erechim) separados por cerca de um século. Europeus e seus descendentes x haitianos e senegaleses (grupos com maior incidência). A presente proposta de pesquisa parte de uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo abarcando conceitos contemporâneos com destaque para o de fronteiras simbólicas oriunda dos processos de globalização. Com o intuito de analisar os fluxos (i)migratórios que ocorreram ao longo da primeira metade do século XX predominantemente por grupos que saíram da Europa e construir um contraponto acerca dos fluxos (i)migratórios de haitianos e senegaleses que se aceleraram no início do século XXI em solo Erechinense, mapeando as consonâncias e as dissonâncias destes fluxos (i)migratórios em Erechim / RS, partindo da premissa que ambas as movimentações perpassam pela busca de melhores condições de vida, ascensão profissional e conseqüentemente social e aceitação no novo espaço ocupado.

A sucessão em pequenas propriedades familiares do Oeste Catarinense.

Marilize Radin Frattini

O processo de reocupação do território do Oeste catarinense, impulsionado a partir do início do século XX, se fundamentou na fixação de colonos em pequenas propriedades agrícolas. As dinâmicas de produção, baseadas na criação de animais e cultivo de cereais foram gradativamente inserindo a região no cenário capitalista. Ao longo do processo, e sobretudo a partir da década de 1990, o Oeste vem passando por uma reestruturação produtiva, tecnológica e industrial, com impactos diretos sobre a agricultura familiar. A continuidade dessa característica fundiária da pequena propriedade, gerida e trabalhada pela família, como em geral ocorreu em períodos anteriores, depende de sucessores. No entanto, nas últimas décadas, por diversas razões, chama atenção a sua falta. Observando a tendência de declínio de transferência de propriedades rurais para sucessores, diminuição do número de novos proprietários rurais e o conseqüente aumento no tamanho de novos imóveis, o artigo objetiva compreender a problemática da sucessão, no final do século XX e início do XXI, destacando o cenário que vem provocando tal situação, característica não apenas do Oeste catarinense, mas das áreas de assentamentos de imigrantes e migrantes. É relevante observar que quanto maior o envolvimento dos possíveis sucessores nas decisões que envolvem a condução da propriedade, maiores as chances de sucesso no processo de

sucessão. A pesquisa será desenvolvida a partir de uma ampla revisão bibliográfica, jornais, dados do IBGE, da Epagri e documentos ligados ao Ministério da Agricultura. O estudo, qualitativo e exploratório visa abarcar os significados e características da problemática de pesquisa.

A presença dos imigrantes russos na Colônia Erechim

Isabel Rosa Gritti

João Carlos Tedesco

O objetivo deste texto é trazer alguns elementos sobre a presença dos imigrantes russos na Colônia Erechim. O que chamamos de Colônia Erechim corresponde ao território pertencente a mesma em 1908 quando de sua criação, e, que hoje forma a região do Alto Uruguai num total de 32 municípios que se articulam em torno da Associação dos Municípios do Alto Uruguai – AMAU sediada na cidade polo, Erechim. Uma das características marcantes da então Colônia Erechim é sua diversidade étnica e cultural. No livro de registro de entrada de imigrantes da Comissão de Terras dos anos de 1911 a 1914 dentre as nacionalidades presentes encontramos também o ingresso de dois imigrantes japoneses. Número extremamente reduzido, mas que revela a multiculturalidade que nos constitui enquanto região Alto Uruguai. No Relatório do Secretário de Obras Públicas enviado em 31 de agosto de 1915 ao Vice-Presidente do Estado em exercício, em relação a Colônia Erechim, na página 129, encontramos: Imigrantes – No ano de 1914 a colônia recebeu e instalou 1.771, constituindo 353 famílias e 195 solteiros. Preponderavam as nacionalidades russa-polaca (55%) e alemã (35%), os demais imigrantes sendo austríacos, italianos, etc. Os imigrantes russos estão presentes na Colônia Erechim desde os anos iniciais de sua constituição em 1908 e muitos de seus descendentes se fazem presentes na atualidade. Exceto os poucos russos judeus instalados pela Jewish Colonization Association – ICA – na Fazenda Quatro Irmãos, os demais foram assentados pelo Estado através da Comissão de Terras aqui sediada.

Um “sertão” movimentado: o uso das picadas na mata do Extremo Oeste Catarinense

Samara Caroline Lovatel

Antonio Marcos Myskiw

O presente trabalho busca apresentar uma breve análise das diferentes narrativas históricas sobre as viagens e travessias realizadas no Extremo Oeste catarinense. A Coluna Prestes, ao atravessar o estado de Santa Catarina rumo a Barracão-PR, deixou na paisagem a marca de picadas (caminhos) abertos em meio a densa mata, picadas que posteriormente formaram narrativas históricas que justificaram o progresso e colonização, como o caso da cidade de Descanso que atribui sua história a passagem da Coluna Prestes pelo local em 1925. No entanto, a partir de pesquisas e cruzamentos de mapas e fontes é possível perceber que antes da Coluna Prestes, outros sujeitos e em outras empreitadas fizeram do extremo oeste

catarinense a sua rota. É o caso de caboclos ervateiros, indígenas e colonos comerciantes de Porto Feliz (Mondaí), que buscavam na Argentina o mercado para seus produtos. Além disso, em 1929 o governador de Santa Catarina, Adolfo Konder, realizou uma expedição pelo interior do estado e utilizou de tais picadas também. Dessa forma é possível afirmar que o Extremo Oeste catarinense, região de colonização tardia e antes considerada um sertão distante e esquecido, tem em sua história remotas marcas protagonizadas por diferentes sujeitos.

Do diário ao campo: um olhar sobre as práticas de trabalho e cooperação em Nova Teutônia no início do século XX

Eduardo Henrique Gruen Furlanetto

Esta pesquisa analisa as dinâmicas de trabalho no início do século XX em Nova Teutônia, explorando como diferentes grupos étnicos – caboclos, indígenas e imigrantes alemães – aplicaram e adaptaram técnicas variadas em suas atividades cotidianas. A partir das observações registradas no diário de Fritz Plaumann, imigrante alemão que se estabeleceu na região em 1924, buscamos compreender as relações entre técnica e organização espacial, conforme destacado por Milton Santos. Nesse contexto, as técnicas agrícolas e cooperativistas são importantes para entender como esses grupos transformaram o ambiente e estabeleceram redes de sociabilidade que moldaram a economia e o espaço social da região. Observa-se que as técnicas utilizadas na agricultura familiar e nas práticas de intercâmbio, associadas ao cooperativismo, refletem as especificidades culturais e socioeconômicas dos grupos locais e mostram o papel da técnica como mediadora entre as necessidades de adaptação e as interações sociais. Para realizar esta análise, foram consultadas fontes bibliográficas, incluindo o diário de Fritz Plaumann, que ilustra a vivência dos imigrantes e os intercâmbios com indígenas e outros grupos étnicos.

Trabalho imigrante e superexploração na agroindústria da carne: algumas aproximações

João Vitor Lombardi Reginato

José Carlos Radin

Vicente Neves da Silva Ribeiro

A dimensão fundamental da condição do imigrante na modernidade capitalista, como sugere Abdelmalek Sayad (1998), é o trabalho. Como sujeito para o trabalho, define-se um Outro cuja marca é a provisoriade, tanto de residência quanto de direito. Mais do que isso, toda especificação que define o imigrante se legitima pelo seu estatuto político *alógeno*, de não-nacional, portanto não-político. Assim definido, o “ideal” seria que o imigrante fosse pura máquina; sistema de engrenagens e alavancas – um autômato, e nada mais. No contexto das migrações Sul-Sul, em que a mobilidade se dá entre *formações econômico-sociais dependentes*, o trabalho apresenta contornos estruturais próprios que repercutem sobre o

valor da força de trabalho reforçando a condição do imigrante. Ruy Mauro Marini (2000) propõe a categoria de *superexploração da força de trabalho* para pensar como estrutura-se a relação valor-trabalho na periferia do capitalismo. À luz dessas reflexões, tal comunicação tem como objetivo explorar algumas aproximações teórico-metodológicas de uma pesquisa em andamento, cujo objeto é o trabalho imigrante nas agroindústrias da carne do Oeste de Santa Catarina. Para isso, buscamos articular a abordagem etnossociológica de Sayad sobre os fenômenos migratórios com a leitura de Marini sobre a relação valor-trabalho em economias dependentes a partir da análise descritiva de um conjunto de dados quantitativos disponibilizados pelo poder público, abrangendo registros migratórios e de emprego, bem como indicadores de saúde e segurança no trabalho.

Uma rede de privilégios: as juventudes dos irmãos Bertaso a partir das redes de sociabilidades da família (1923-1930)

Isabel Schapuis Wendling

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as redes de sociabilidades da família Bertaso, em especial dos irmãos Elza, Serafim e Jayme para entender como essas redes possibilitaram a formação e manutenção da família enquanto uma elite, além de facilitar acessos a privilégios de classe para jovens daquela época. Para tanto, o mapeamento das redes parte das correspondências da família, com o arquivo particular da família Bertaso disponível no CEOM. A família Bertaso, desde os anos de 1919 a partir da figura do Cel. Ernesto Bertaso e sua empresa colonizadora Bertaso, Maia e Cia, viveu uma rápida acessão social, alcançando o status de elite regional. A atuação da família ultrapassou as relações comerciais, sendo conhecida pela ação coronelista na região de Chapecó. Os jovens Elza, Serafim e Jayme foram os filhos de Ernesto e de Zenaide, e desde muito novos foram enviados para os grandes centros do país para estudar em colégios de regime interno, distintos em gênero e direcionados para crianças e jovens burgueses. Nesses colégios, os irmãos receberam uma educação ampla e que os diferenciava de outras crianças de classes pobres. Por estarem em grandes centros e puderam acessar espaços de sociabilidades limitados a tantos outros jovens. Nesses espaços, por meio da agência de si e da subjetivação, esses jovens puderam formar amizades e expandir as redes sociais de elite.

Colonização na Amazônia: análise do Projeto Altamira (1960 a 1970)

Marina Andrioli

Este trabalho analisa, no contexto da construção da Rodovia Transamazônica e do PIC (Projeto Integrado de Colonização) em Altamira na Amazônia Legal, durante a ditadura civil-militar nas décadas de 1960 e 1970, os incentivos para colonização daquela área, bem como, os conflitos e disputas presentes nestes processos e suas permanências e consequências para a questão social e ambiental até o presente. Para tanto, autores clássicos da História

Ambiental, como Donald Worster e especialistas em conflitos agrários como José Graziano, serão revisitados, com o objetivo de compreender e interligar elementos essenciais para a compreensão da história brasileira. As fontes primárias utilizadas serão documentos governamentais produzidos no período de nosso recorte, durante da ditadura civil-militar, como peças do Instituto Nacional da Reforma Agrária (INCRA) e SNI (Serviço Nacional de Informações).

Entre imigração e escravidão: a formação social dos Campos de Palmas no século XIX

Carlos Eduardo Cardoso

O presente texto busca fazer uma discussão historiográfica dialogando com diversos livros, teses, dissertações e capítulos sobre a ocupação e colonização dos Campos de Palmas. A análise inclui a composição da sociedade palmense a partir dos Relatórios dos Presidentes de Província, disponíveis online no Arquivo Público do Paraná, assim como os Censos de 1872 e 1890, acessíveis no site do IBGE. Essas fontes documentais permitem identificar a população que migrou para Palmas durante o processo de ocupação, revelando a formação de uma sociedade escravista com indivíduos oriundos das províncias de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ao examinar os fluxos imigratórios para a Província do Paraná, percebemos que as políticas dirigidas pelos órgãos governamentais tinham como objetivo a ocupação de áreas consideradas vazias demograficamente. O movimento abolicionista, ao pressionar para que a questão da escravidão fosse debatida em nível nacional, conseguiu aprovar leis que fortaleceram a causa, contestando o modelo escravista que cedia espaço à mão de obra imigrante. Para enriquecer esta análise, esta pesquisa utiliza cartas de alforrias, encontradas no Tabelionato de Notas de Palmas, e registros eclesiais, incluindo um estudo dos livros de registro de batismos de filhos de mulheres escravas, disponíveis na Cúria Diocesana de Palmas.

Testemunhos do colonialismo ibero-ameficano: as memórias de Conceição Evaristo e Isabela Figueiredo

Guilherme José Schons

Esta investigação, resultado de TCC em História na UFS – Campus Erechim, problematiza os efeitos da colonialidade no presente emaranhado de Brasil, Moçambique e Portugal. Assim, analisa as experiências de contestação, por meio da literatura testemunhal, às atualizações das violências de um persistente passado traumático no espaço da Ibero-América, as quais se manifestaram tanto nas ações autoritárias da ditadura civil-militar brasileira como mediante o funcionamento do Estado Novo português no ultramar africano. Nesse sentido, a pesquisa examina enquanto fontes documentais as escrituras e fabulações críticas em Becos da memória, de Conceição Evaristo, e no Caderno de memórias coloniais, de Isabela Figueiredo, pensadas na chave de instrumentos para a elaboração do trauma. Diante disso, o

estudo debate o recurso ao testemunho em prol da fabricação de um arquivo atento ao rechaço da negligência às vidas das pessoas que resistiram à catástrofe, bem como discute a chance do uso de uma concepção temporal topográfica em prol da construção de cartografia que busca mapear o passado com vistas à rejeição da ideia de uma inexistente harmonia racial nos trópicos e, logo, no intuito de tratar e redimir a dor causada pelo esquema de subalternização atuante dos dois lados do Atlântico ao Índico. Dessa forma, com base em referenciais associados ao pensamento pós-colonial, o trabalho compreende que as obras denunciam tempo mais amplo de horror acoplado a condutas patriarcais e racistas e, portanto, anunciam projeto incompleto que aponta a urgência de se colocar o dedo na ferida colonial e escovar a história ibero-amefricana a contrapelo.

Eixo 6 – História Ambiental

Descolonizando a relação com a natureza e construindo novos caminhos

Silvana Vieda Hermes

Desde tempos imemoriais, as relações sociais e a conexão com a natureza têm sido fundamentais para a experiência humana. Porém, à medida que as sociedades se desenvolveram, essas relações tornaram-se cada vez mais complexas, especialmente em meio aos processos de colonização e expansão territorial. A colonização não apenas reconfigurou as relações sociais entre diferentes grupos, mas também redefiniu a relação com o ambiente natural ao delimitar territórios e fronteiras. Nesta análise, exploraremos a interseção entre relações sociais, relações com a natureza e territorialidade, considerando os fatos históricos da colonização e seus desdobramentos contemporâneos, bem como formas de usos das florestas tropicais. A complexidade e a diversidade de objetivos e interesses associados ao uso de modelos e recursos florestais geram conflitos e desafios principalmente na gestão das áreas. Furlan (2006) identifica quatro regimes principais de propriedade mencionadas na literatura estatal: acesso livre, propriedade comunal, propriedade privada e propriedade estatal. As Florestas Culturais possuem significância cultural, histórica e social para grupos específicos, com valor ecológico. Estas florestas são moldadas e mantidas por práticas tradicionais e usos sustentáveis, refletindo uma interação contínua entre as pessoas e o ambiente natural ao longo do tempo. O Brasil reconhece as Florestas Culturais como áreas produtivas, integrando-as ao contexto econômico e ambiental do país. Os projetos apoiados por recursos públicos e privados ilustram um esforço coletivo para promover a integração dessas florestas na economia e no meio ambiente brasileiro.

A expansão das monoculturas no Sul do Brasil e a Terra Indígena Mato Preto

Cristina Dallanora

Samira Peruchi Moretto

Este trabalho investiga o processo de ocupação e delimitação da TI Mato Preto pelos Guarani Mbya, na Região Norte do Rio Grande do Sul, ocupando parte das áreas dos municípios de Erechim, Getúlio Vargas e Erebangó. A área onde o grupo exerce suas atividades ligadas às funções sociais e políticas, foi identificada pelo IBGE com ocorrências de pequenas propriedades de terra, com a atividade da agricultura familiar, em território com domínio do Bioma Mata Atlântica, na porção Alta da Bacia do Rio Uruguai, com predominância de Floresta Ombrófila Mista. No relatório para a sua identificação, é descrita como um espaço que integra um ambiente que reúne remanescentes florestais e águas pertencentes à região

hidrográfica do Alto Curso do Rio Uruguai, intensamente colonizada ao longo do século XX. A colonização implicou o desenvolvimento de diferentes ciclos econômicos e consequentes mudanças socioambientais. Em 2003, a TI foi demarcada como uma área de mais de quatro mil hectares denominada Terra Indígena Guarani Mbya, mas o processo de titulação não ocorreu devido à sobreposição de direitos com descendentes de colonos atraídos por políticas estatais de incentivo à colonização, objetivando o desenvolvimento econômico através extração de madeira e agricultura extensiva. Atualmente, os Mbya restringem-se à ocupação de um quinto do território reconhecido, cercados por pequenas propriedades monocultoras de soja nas áreas lindeiras, impactados na sua produção agrícola e do artesanato. Essa proposta contextualiza a comunidade e a monocultura da soja, na perspectiva da história ambiental. As fontes utilizadas consistem em relatórios de governos, registros cartográficos, iconográficos e entrevistas disponíveis sobre o grupo Guarani Mbya.

Produção familiar: a cultura do vinho em Chapecó e Quilombo

Eduarda Sachet Lanzarin

Samira Peruchi Moretto

A produção familiar de vinho em Chapecó e Quilombo é um fenômeno cultural e econômico, que teve sua gênese com a chegada de migrantes de origem italiana. As práticas de vitivinicultura, trazidas pelos imigrantes no final do século XIX, evoluíram e se adaptaram às condições locais ao longo dos anos. Essas atividades não são apenas uma fonte de renda, mas também uma expressão rica de tradições que se perpetuam através das gerações. O objetivo deste trabalho é analisar as práticas dos produtores familiares, que equilibram a manutenção das práticas tradicionais com a necessidade de inovação, após o século XX. Como fontes, utilizamos dados de instituições como o IBRAVIN, EPAGRI, IBGE, estudos acadêmicos recentes e reportagens de jornais locais. Embora o Oeste Catarinense, especialmente nas regiões de Chapecó e Quilombo, não seja tradicionalmente conhecido pela viticultura, a região experimentou um crescimento significativo no plantio de uvas para vinhos finos e de mesa desde o início dos anos 2000 até 2020. Pequenas propriedades familiares desempenham um papel crucial, combinando condições climáticas favoráveis com dedicação e técnicas modernas para produzir vinhos de alta qualidade. Além do impacto econômico, a viticultura familiar contribui para a preservação do patrimônio cultural e fortalece o turismo rural, transformando a região em um polo de enoturismo. A produção de vinho no Oeste Catarinense exemplifica a integração bem-sucedida entre tradição e modernidade, promovendo o desenvolvimento sustentável da região.

Agroindústrias de carne e produção de eucalipto na paisagem rural do oeste catarinense (décadas de 2000 a 2020)

*Marlon Brandt
Chariel Busatto*

A partir da década de 1970 o setor agroindustrial de carnes se consolidou como um dos principais motores econômicos da região oeste catarinense, passando a partir de então por uma série de reestruturações produtivas, modernizando seu parque industrial, aumentando também a demanda por insumos e energia. Parte dessa energia é suprida por meio do uso de biomassa empregando espécies exóticas como o eucalipto (*Eucalyptus sp.*). Essa espécie possui rápido crescimento e facilidade de adaptação a diversas regiões ecológicas e por isso é amplamente utilizada na agroindústria para a produção energética, abastecendo plantas agroindustriais de produção de carnes e leite, onde não é raro observar imensos pátios ocupados por fileiras de toras de eucalipto. A madeira também é destinada ao aquecimento de instalações como aviários no inverno. Através de fontes como censos, relatórios e pesquisas bibliográficas procura-se mostrar como o crescimento do setor agroindustrial também promoveu um aumento na demanda por madeira, promovendo uma série de transformações na paisagem rural com o crescimento das monoculturas florestais.

Exploração madeireira e transformação da paisagem em Xaxim, SC, nas décadas de 1950 a 1970: imagens e memórias

*Carina Fachinetta
Marlon Brandt*

Ao longo da colonização do Oeste catarinense estabeleceram-se diversas empresas destinadas a exploração dos recursos madeireiros, como ocorreu, por exemplo, no município de Xaxim, emancipado de Chapecó em 1953. A atuação dessas empresas no município converteu diversos espaços antes dominados pela Floresta Ombrófila Mista em terras destinadas à exploração agrícola e a produção de aves e suínos visando atender as nascentes agroindústrias de carne fundadas entre as décadas de 1940 e 1950. Para compreender esse processo de transformações na paisagem, registrado através da produção de imagens do passado e memórias de antigos moradores, a pesquisa trabalha com os preceitos da Geografia Histórica, partindo da ideia da indissociabilidade do espaço e do tempo.

Formação e Atuação da Cooperativa Madeireira do Vale do Uruguai Ltda no Oeste Catarinense

*Adrieli Carla Coproski Wenning Rodrigheri
Samira Peruchi Moretto*

Durante o século XX, o Oeste de Santa Catarina vivenciou intensas transformações com a intensificação do processo de colonização e conseqüentemente o aumento da exploração dos recursos naturais, especialmente a madeira. A Cooperativa Madeireira do Vale do Uruguai Ltda objeto desse estudo, foi fundada na década de 1940, surgindo da necessidade de organizar os pequenos e médios produtores da região, unificando-os para melhorar as condições de comercialização da madeira e enfrentar desafios logísticos, como a precariedade dos meios de transporte. Com sua sede localizada na cidade de Chapecó, a cooperativa desempenhou um papel fundamental no fortalecimento da classe madeireira, consolidando-se como uma importante entidade na defesa dos interesses de seus associados. A cooperação ajudou os produtores a aumentarem sua competitividade no mercado, especialmente por meio da venda conjunta da produção madeireira. Ao longo de sua atuação até a década de 1970, a cooperativa teve um impacto significativo na economia regional, promovendo o desenvolvimento econômico ao custo de intensificar a exploração dos recursos naturais da floresta local.

Entre águas e memórias: O Rio Uruguai e as transformações ambientais e sociais

Lucas Antonio Franceschi

O projeto investiga a importância histórica e ambiental do rio Uruguai para as comunidades do Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul, analisando como o rio moldou a organização social, alimentação e identidade dessas populações ao longo do tempo. Com foco nas comunidades ribeirinhas impactadas pela construção da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó, que alterou o uso tradicional do rio e o modo de vida local, uma pesquisa examina as mudanças nas relações dessas comunidades com o meio ambiente, explorando a perda do papel histórico do rio após o deslocamento de moradores e a transformação da paisagem. A análise utiliza documentação fotográfica do rio antes da usina para observar visualmente as mudanças ambientais e culturais, valorizando a memória comunitária e a história ambiental da região.

Do político ao ambiental, a relação entre história política e história ambiental

Matheus do Nascimento Petter

Este trabalho tem como objetivo promover a discussão sobre a relação entre a história ambiental e a história política, duas vertentes historiográficas que, apesar de suas

diferenças, frequentemente caminham juntas e se complementam. A história política foi uma das primeiras formas de escrita da história, surgindo em meados do século XVIII, inicialmente focada na construção da história do Estado e de grandes figuras. Esse modelo se manteve até o surgimento da Escola dos Annales, que criticou duramente esse enfoque, incentivando uma reformulação da história política na segunda metade do século XX, direcionando-a para uma nova abordagem. A história ambiental, por outro lado, é uma linha de pesquisa mais recente, que ganhou maior força no final do século XX e início do XXI. Ela surge como resposta às transformações ambientais e ao impacto que estas tiveram sobre os historiadores da época, conforme aponta Lucien Febvre. Seus principais enfoques são a ideia de que as ações humanas podem produzir impactos significativos no mundo natural, a revisão dos marcos cronológicos e a compreensão da natureza como parte da história. Apesar de suas particularidades, essas duas abordagens possuem diversos pontos em comum e podem interagir diretamente. Afinal, é impossível refletir sobre as transformações ambientais sem considerar os aspectos políticos das sociedades que, de forma direta, impactam o ambiente e, conseqüentemente, interagem com a história ambiental.

Entre a tecnologia e natureza: o caso da UHE Foz do Chapecó

Melody Forcelini

A construção de grandes obras de infraestrutura, como usinas hidrelétricas, é uma marca histórica do desenvolvimento no Brasil. Esse processo resulta, em parte, dos avanços tecnológicos e do aumento da demanda por eletricidade. Usinas hidrelétricas surgem como investimentos atraentes, pois fornecem energia renovável e impulsionam o crescimento socioeconômico do país. Contudo, apesar das vantagens de geração de energia em grande escala, a construção dessas barragens traz sérios impactos ambientais e sociais nas áreas afetadas. A Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó, localizada na fronteira sul do Brasil, entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, é um exemplo expressivo desse tipo de empreendimento. A obra, realizada entre 2006 e 2010, alterou o curso natural do rio Uruguai, causando inundações que comprometeram áreas de biodiversidade e comunidades rurais dependentes do rio Uruguai para sustento. Desde o início do século XX, o rio Uruguai exerce uma função vital na economia da região, sendo uma rota importante para o transporte de matérias-primas, o que impulsionou o desenvolvimento regional e a ocupação de áreas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O historiador Donald Worster (1991) afirma que a natureza, em qualquer lugar, oferece aos humanos um conjunto de recursos variados, mas limitados, para sua sobrevivência. Com o tempo, tecnologias emergem para viabilizar o aproveitamento desses recursos. Aplicando essa perspectiva à UHE Foz do Chapecó, vemos como a barragem simboliza uma visão desenvolvimentista, onde tecnologia e recursos naturais são utilizados em prol de um benefício coletivo.

Geração de energia: uma das necessidades humanas séc. XXI: UHE Foz do Chapecó

Daniela Fistarol

Águas de Chapecó tem sua formação a partir da imigração de descendentes europeus, que começaram a vir em grande escala para Santa Catarina-SC após 1920. Estes os quais adaptaram suas culturas às regionalidades locais e com o aumento das residências, a formação das cidades e o aumento da demanda de energia elétrica, os governantes planejaram investimentos para geração de energia pensando no aproveitamento da bacia do Rio Uruguai. A Foz do Chapecó foi pensada e planejada desde 1983, porém sua construção só deu início em dezembro de 2006. Com a instalação da usina hidrelétrica, também surgiram inúmeros questionamentos socioambientais.

O avanço do monocultivo de soja sobre território a Reserva Indígena de Nonoai durante a década de 1970 e 1980

Gabriel Artur Roesler

Samira Peruchi Moretto

O objetivo da presente pesquisa é analisar por meio da perspectiva proposta pela disciplina da História Ambiental, do avanço dos monocultivos, especialmente a soja, nos territórios indígenas na década de 1970 e 80 e as consequências desse avanço para os indígenas. Para atingir os objetivos propostos do presente trabalho, foram utilizadas notícias de jornal, tratando-se especificamente do caso a ser analisado, além da procura e revisão de diferentes bibliografias sobre o assunto. Na década de 1970 ocorreu a retomada de terras empregada pelos Kaingang da TI de Nonoai, localizada no noroeste do Rio Grande do Sul, após de ocupação de posseiros imigrantes. Percebeu-se a profunda modificação do meio natural no território, devido a introdução de monocultivo naquelas terras. Nesse sentido, busca-se compreender como a introdução do monocultivo da soja modificou a forma da agricultura da TI de Nonoai, no Rio Grande do Sul, nas décadas de 1970 e 1980, bem como o caso pode ser transplantado para diferentes territórios.

Uma história ambiental da vitivinicultura no Oeste de Santa Catarina: a Vitivinícola Família Breancini

Gabrieli Elisa da Costa

Em Santa Catarina há atividade vitivinícola, sendo majoritária presente na região Tradicional. A região Tradicional, foi assim considerada por possuir maior montante de produção devido às condições propícias para o desenvolvimento dos parreirais, contudo, a vitivinicultura acabou espalhando-se pelo estado, uma vez que outras regiões, como a do Oeste Catarinense tinham um mercado em ascensão. Esta região foi denominada Nova Região e faz

parte da cadeia vitivinícola catarinense. Destarte, o presente estudo analisa o cenário da vitivinicultura no oeste de Santa Catarina, através do estudo de caso da Vinícola Família Breancini, localizada em Cordilheira Alta/SC. Valdir Breancini, o proprietário, veio de Garibaldi, no Rio Grande do Sul. A princípio ele tinha criação de porcos, contudo, uma contaminação ao rio próximo de sua propriedade fez ele parar com a suinocultura e, inspirado na sua família, iniciou a produção de uvas para vinho em 1998, em Cordilheira Alta/SC. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é investigar a relação da herança familiar da vitivinicultura e como ela se entrelaça com a História Ambiental, a partir do viés proposto pela disciplina de História Ambiental, cujo um dos objetivos é a compreensão de quais recursos são socialmente úteis ou inúteis, já que a existência do recurso natural é intrínseca à identificação cultural que lhe é atribuída. Ademais, a disciplina da Micro-História, que leva em consideração fontes e narrativas alternativas, considerando não apenas as mudanças macroeconômicas e políticas, mas também aspectos do cotidiano que constituíram o fazer de um determinado período, também auxiliará na pesquisa, buscando compreender as perspectivas locais e as conexões globais da Vinícola Família Breancini, em Cordilheira Alta/SC.

Comércio, produção e consumo do lúpulo (*Humulus lupulus*) nas páginas da imprensa catarinense entre o final do século XIX e início do século XX

Marlon Brandt

Desde meados do século XIX tem-se registros da produção de cerveja no país, tanto em escala comercial quanto doméstica principalmente nas regiões Sul e Sudeste. Seus principais insumos como a cevada (*Hordeum vulgare*) e o lúpulo (*Humulus lupulus*) eram, na quase totalidade, importados, dada as dificuldades na época, do cultivo em solo nacional. No caso do lúpulo, ingrediente essencial na conservação, amargor e, em alguns estilos, de sabor e aroma da bebida, não era raro encontrar na imprensa catarinense menções a sua importação, venda por casas comerciais e mesmo a iniciativas de plantio local. Dessa maneira essa pesquisa busca trazer algumas considerações sobre a história dessa planta, sob o viés da História Ambiental empregando textos, reportagens e anúncios veiculados na imprensa catarinense entre o final do século XIX e início do século XX.

As transformações socioambientais em Santa Catarina de 1960-2024

Luis Alberto Salini Marina

Samira Peruchi Moretto

Na região sul do Brasil, algumas atividades econômicas, durante os dois primeiros quartéis do século XX, causaram uma forte antropização das paisagens. Dentre esses, está o processo de desmatamento, a exemplo cita-se o que ocorreu com devastação estão as Floresta de Araucária ou Floresta Ombrófila Mista, que tem seus remanescentes por volta de 3% da mata original. O objetivo deste projeto é analisar este processo histórico das transformações

socioambientais ocorridos no sul do Brasil, principalmente no Estado de Santa Catarina, a partir de 1960 até 2024. Tais alterações foram catalisadas em função dos incentivos às práticas de introdução de monoculturas em grande escala, que acarretaram na descaracterização da paisagem, e muitas vezes, foram responsáveis catástrofes socioambientais com o passar dos anos. Os principais monocultivos nesta região se dividem em dois grupos, o primeiro composto por monocultivos voltados à silvicultura, o segundo grupo, caracterizado pela agricultura de grãos, como milho e soja. A floresta e os campos nativos tiveram a sua extensão minimizada e sem possibilidade de autorrecuperação ou reparação, em função das atividades da agroindústria. Visa-se, portanto, entender como ocorreu o processo de transformação da paisagem e as medidas para conservação ou não dos ecossistemas envolvidos. Através da perspectiva da História Ambiental, serão consultadas fontes como: mapas, censos demográficos, periódicos, imagens de satélites. A pesquisa possui o apoio das seguintes agências de fomento: CNPq (401533/2022-0, Chamada 26/2021 - 409340/2021-9 Chamada 4/2021-310850/2021-5); FAPESC (Edital 16/2021 - UFF2021331000005); UFS (PES-2021-0553, PES-2022-0276 e PES-2023-0230, PES-2023-004, PES-2023-0043, PES-2024-0358).

Entre o controle e a contaminação: O DDT na luta contra a malária no Brasil

Leticia Solivo

O presente trabalho propõe uma análise da trajetória do pesticida DDT no Brasil, no contexto da história da malária, causada pelo parasita do gênero Plasmodium, transmitido por mosquitos do gênero Anopheles. Diante da complexidade de tratamento da malária e da sua elevada taxa de mortalidade, entre as décadas de 1940 e 1980, muitos países buscaram a erradicação do mosquito vetor como estratégia de controle. O DDT despontou como uma alternativa viável, já que, antes de sua introdução, as abordagens para o controle da malária eram limitadas a medidas como drenagem de áreas alagadas e destruição de criadouros. Nos anos seguintes, o Brasil implementou uma série de iniciativas para combater a malária. O Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, previu a utilização de 65 toneladas de DDT em pó e dois milhões de litros do inseticida líquido, aplicados nas superfícies internas das habitações. Em 1955, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu uma política global de erradicação da malária, sustentada pela aplicação de DDT, que deveria ser complementada pelo tratamento de pacientes. Embora o DDT tenha sido um marco no combate à malária, seu uso massivo levanta questões sobre suas consequências ambientais e de saúde, impactando ecossistemas e causando preocupações sobre a saúde humana a longo prazo. Assim, a história do DDT no Brasil exemplifica a interseção entre a saúde pública e a história ambiental, revelando como a luta contra uma doença infecciosa se entrelaça com as consequências ecológicas de intervenções humanas.

História Ambiental, paisagem e memória: representações da natureza no Museu Entomológico Fritz Plaumann

Maicoln Viott Benetti

O imigrante alemão Fritz Plaumann (1902 – 1994), estabelecido no Oeste catarinense no ano de 1924, nos anos que percorreram a sua vida dedicou-se a entomologia, ramo da zoologia que estuda os insetos. Concentrando o trabalho de pesquisa na região do Alto Uruguai Catarinense, em meio a Mata Atlântica, construiu uma coleção com mais de 80 mil insetos de 17 mil famílias distintas. Na década de 1980, essa coleção até então caseira, foi acondicionada em um novo espaço, o Museu Entomológico Fritz Plaumann, inaugurado precisamente no dia 23 de outubro de 1988, em Nova Teutônia, atual distrito do município de Seara/SC. A coleção de insetos e o acervo do museu como um todo, constroem representações que permitem refletir sobre a natureza e a paisagem do Oeste de Santa Catarina. Assim, esse trabalho tem como objetivo analisar o acervo do Museu entomológico Fritz Plaumann e as narrativas que envolvem a sua construção pela perspectiva da História Ambiental, observando as relações entre o ser humano e a natureza para compreender as possíveis transformações ocasionadas na paisagem daquele ambiente, haja vista que a coleção entomológica foi constituída com elementos da fauna que representam a paisagem da região, o que permite chamar a atenção para a preservação ambiental.

A ocupação Guarani pré-colonial no Alto Rio Uruguai: diálogos com a História Ambiental

Brendha Luana Spricigo

Samira Peruchi Moretto

Mirian Carbonera

O sítio arqueológico U-381 Batista Rector pertence à unidade arqueológica Guarani e está localizado no município Alto Bela Vista-SC, na margem direita do Alto rio Uruguai. É um sítio a céu-aberto contextualizado na cobertura vegetal composta pela fitofisionomia Floresta Estacional Decidual (FED) do bioma Mata Atlântica. Foi, cadastrado em 2019 durante as atividades do Projeto de Recadastramento de Sítios Arqueológicos das Mesorregiões Oeste e Planalto de Santa Catarina (PRESASC), e encontra-se na área do reservatório da Usina Hidrelétrica Itá, sendo possível acessá-lo somente em períodos de maior estiagem. O objetivo pauta-se em uma abordagem preliminar do objeto de estudo na perspectiva da História Ambiental, acerca da interpretação do lugar e do papel da esfera natural em relação à existência humana e suas associações para com a paisagem. Tal suporte teórico-metodológico compreende como os seres humanos são afetados pelo ambiente natural ao longo do tempo e, também, como as atividades humanas interferem no meio ambiente, e suas consequências. Assim, evidencia-se a interdisciplinaridade com a Arqueologia, levando-se em consideração a datação de 505 ± 15 14C AP (UCIAMS 252936), a rota de migração Guarani no Alto rio Uruguai e a análise da cultura material do sítio arqueológico, sobretudo no que refere-se à cerâmica e sua variabilidade, a partir de lâminas petrográficas. Por tratar-

se de uma pesquisa ainda em início de desenvolvimento, espera-se que os resultados obtidos possam evidenciar aspectos da ocupação Guarani em uma região de fronteira ambiental e cultural, tal qual a importância do ambiente e relações para com ele estabelecidas.

Sementes Agrocere S.A. (SASA) e a modernização da agricultura no Brasil (1945-1960)

Jaine Menoncin Voicolesko

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o processo de implementação da semente de milho híbrido no Brasil através da empresa Sementes Agrocere S.A. (SASA) e sua relação com agências filantrópicas norte-americanas em um contexto pós Segunda Guerra Mundial. Especificamente, neste estudo é abordada a influência de agências ligadas ao empresário Nelson Rockefeller, como a American International Association for Economic and Social Development (AIA) e a International Basic Economy Co. (IBEC), uma vez que, essas agências conheceram as experiências de pesquisadores brasileiros e propuseram um acordo de cooperação, o qual resultou na criação da Sementes Agrocere S.A. (SASA). O recorte temporal abrange os anos de 1945 a 1960, período selecionado por compreender desde a fundação da empresa pelos agrônomos brasileiros, até a implementação efetiva no mercado, antecedendo a sua diversificação produtiva. As fontes utilizadas são os livros comemorativos de 25, 50 e 70 anos da empresa, relatórios institucionais e correspondências entre os agrônomos brasileiros e norte-americanos. Busca-se tratar do milho híbrido não apenas como parte da introdução de um novo sistema de relações políticas e econômicas com os Estados Unidos, mas também compreendê-lo como elemento de modernização da agricultura brasileira, como valorização da ciência e do “moderno”. Assim, trata-se de um trabalho relacionado à História Ambiental, uma vez que se discute o milho como um fator importante dentro deste processo de desenvolvimento, e também como propulsor de mudanças e impactos na relação do homem com o plantio desta semente.

Primavera Silenciosa: uma revolução na história ambiental

José Cristiano Santos de Paula

A pesquisa tem como objetivo examinar o impacto transformador da obra seminal da bióloga marinha e escritora estadunidense Rachel Carson, publicada em 1962. No auge do uso indiscriminado de pesticidas como o DDT, Carson trouxe à luz os perigos ocultos desses químicos para o ambiente e a saúde humana. Apresentando rigor científico e uma narrativa poderosa, “Primavera Silenciosa” desafiou a indústria química e mobilizou a opinião pública, inaugurando uma nova era de consciência ambiental, catalisando assim o movimento ambientalista moderno e levando à criação de importantes legislações ambientais e agências de proteção. A obra de Carson lançou as bases para uma ética de sustentabilidade, enfatizando a necessidade de proteger a natureza para garantir a sobrevivência das futuras gerações, inspirando ações concretas para um futuro mais sustentável. Uma dessas ações foi

a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972. O evento foi um marco que resultou na criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e na Declaração de Estocolmo, estabelecendo os princípios fundamentais para a proteção ambiental. Sobre o caráter metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que envolverá a análise de diversas fontes de informação com o intuito de desenvolvermos uma base teórica sólida acerca do tema. Pretendemos, ao final deste trabalho, estabelecer uma relação clara entre a publicação da obra citada e revolução ocorrida na história ambiental, enquanto campo interdisciplinar que estuda a interação entre humanos e o meio ambiente, e ainda, evidenciarmos como essas mudanças ambientais influenciaram a evolução da sociedade.

A criação do Parque Nacional das Araucárias no meio oeste catarinense e a educação ambiental

Sarue Brunetto

Samira Peruchi Moretto

Este trabalho busca compreender o processo histórico de ocupação e a retirada da mata nativa e a mudança na paisagem da região do meio oeste catarinense a partir de 1940. Além disso, levantaremos os motivos que levaram a criação de unidades de conservação no século XXI nesta região e a sua importância para a manutenção da biodiversidade daquele ecossistema, como foi o processo de conscientização e educação ambiental da região. Para tanto, ancorou-se em uma bibliografia que realiza pesquisas na região sobre o processo de retirada da mata e que dialoguem com a História Ambiental. A partir desse estudo foi possível analisar como se deu a formação das unidades de conservação na Floresta Ombrófila Mista. O processo metodológico foi por meio de consulta e análise documental em confronto com referenciais teóricos selecionados para esta pesquisa, abordando documentos da criação do parque, documentos das madeireiras, fontes orais e da legislação. Se percebe com esse estudo que as modificações ocasionadas pelo desmatamento, gerou transformações profundas no meio ambiente e na vida das pessoas. Podemos perceber que a criação do Parque Nacional das Araucárias acarretou grandes embates políticos e processo de conscientização da sociedade sobre o tema.

Camponeses no Sudoeste do Paraná: experiência e formação na década de 1970

Eleandro de Moraes Vieira

O trabalho tem como objetivo analisar como aconteceu a formação dos camponeses no Sudoeste do Paraná a partir da ação da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (Assesoar), criada por mediação de padres belgas da Congregação Sagrado Coração de Jesus (MSC), na década de 1970, a partir de publicações do Boletim Cambota impresso e produzido pela associação utilizando-se de três elementos: o saber, a comunidade e a

economia. A Assesoar foi criada e atuou ligada a Igreja Católica até o fim da década de 1970, fomentando grupos de reflexão e catequese familiar, contribuindo na criação de sindicatos de trabalhadores rurais, inclusive em um movimento de oposição sindical contra os considerados pelegos e em outras ações de mobilização e formação do campesinato na região. Utilizamos como pressuposto teórico as concepções de experiência de classe de Edward Palmer Thompson para, por meio dos vestígios do Boletim Cambota, analisar o processo de formação que permitiu o envolvimento dos camponeses em ações, associações e entidades de luta de classe.

A pesquisa enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem na Educação Básica

Henrique Bertoldi

Gustavo Bertoldi

Náthaly Gugel

Ana Laura Lisch

Gerson Junior Naibo

Tayane de Oliveira

Juliana dos Passos

Simone Ugolini Gianezini

A escola é uma instituição de ensino com grande potencialidade para a realização de pesquisas, levando em conta a imersão dos(as) estudantes nos seus lugares de vida. A partir disso, o presente trabalho visa a compreender a importância da pesquisa para a formação intelectual, crítica e cidadã dos(as) estudantes da Educação Básica, no âmbito do Novo Ensino Médio (NEM). Sendo de base qualitativa, esta investigação configura-se como um relato de experiência, considerando a vivência dos autores e coautores deste texto (estudantes, professores, orientadores, coorientadores e gestores educacionais) no projeto “A escola vai às comunidades”, em desenvolvimento na Escola de Educação Básica Jorge Lacerda, na comunidade Linha São Braz, município de Palmitos (SC), localidade na qual a investigação científica tem sido historicamente pouco fomentada. Como resultados parciais, consideramos que a pesquisa na escola: i) aprimora a visão dos estudantes acerca da análise científica; ii) amplia os conhecimentos sobre a realidade local e regional e retoma, também, os saberes tradicionais; iii) desenvolve o senso crítico e as habilidades de escrita e leitura. Deste modo, reiteramos que, ao longo das suas edições, o projeto teve diferentes objetivos, e no presente ano (2024) tem focado na publicação científica e literária dos seus resultados. Por fim, concluímos que a execução do projeto, desde 2020, por meio da articulação entre a comunidade e a escola (e igualmente de instituições de Ensino Superior), aponta para o seu êxito na formação intelectual, crítica e cidadã dos(as) estudantes, fomentando, ainda, as relações e laços afetivos entre as famílias e o restante da comunidade escolar.

Eixo 7 – História da fronteira sul e movimentos sociais

As fronteiras do progresso em Chapecó: conceitos e análises

Eduardo Luiz Tomasini

O presente trabalho tem como objetivo analisar as transformações urbanas de Chapecó-SC nos anos de 1967 e 1983, a partir das noções de progresso fortemente presentes na sociedade local. A pesquisa investiga como foram criadas desigualdades e fronteiras sociais que excluam uma parte da população desses chamados "ganhos do progresso". Essa exclusão ocorreu com a criação de bairros periféricos, utilizados para realocar a população mais pobre do município, que foi discriminada e estigmatizada nos impressos. Para tanto, faz-se uso de periódicos publicados na cidade e arquivados no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). A temática do progresso já é discutida na historiografia local, a proposta aqui é realizar uma análise utilizando a história dos conceitos e da bibliografia que estuda o conceito de progresso, buscando compreender os significados desse ideal de progresso propagado através das leituras das fontes, e não a partir de um conceito a priori definido. Este trabalho também levará em consideração a produção, circulação e difusão do jornal, aspectos que auxiliam na análise do seu conteúdo. Ao mesmo tempo, será analisado o papel da mídia, das autoridades e das grandes figuras da sociedade no processo de exclusão social.

O Arquivo Nacional e os guerrilheiros do Alto Uruguai Gaúcho na década de 1980

Isabel Rosa Gritti

João Paulo de Almeida Farina

Najara Leite Bento

Resultado da pesquisa sobre as notícias impressas no jornal O Estado de São Paulo no final do ano de 1987, onde estampava que haveria aulas de guerrilha para sem-terra na região do Alto Uruguai Gaúcho. A acusação de que várias organizações políticas, sindicais, movimentos sociais, lutadores populares e membros das igrejas progressistas estariam envolvidos na formação de uma guerrilha na região da Fronteira Sul, contou com a reação do Estado através de ações militares e de perseguição política. Podemos evidenciar através da consulta do SIAN Sistema de Informações do Arquivo Nacional, onde despeja mais de mil documentos somados, sobre os indivíduos acusados de guerrilheiros e seus detratores. A falsa acusação de que haveria uma guerrilha teve enormes consequências nas vidas destas pessoas, o montante de documentos levantados no SIAN ampliam o horizonte para um conjunto de

outras perseguições e armações durante a década que consolidou a democracia e consagrou a nova constituinte democrática e cidadã - que era o terreno da disputa em torno das difamações ao grupo. O estudo de documentos históricos de origem arquivística tem o papel de aproximar o historiador de seu objeto, através de ferramentas que colocam a fonte em contato com o historiador, formando um ambiente com condições adequadas para realizações acadêmicas. Com o reforço das fontes do SIAN, podemos percorrer por uma linha histórica de perseguição a um grupo que foi muito engajado na luta pelos direitos dos trabalhadores no período de disputa da constituinte, a criminalização destes agentes reforça a articulação da grande mídia, e o grande capital articulados em esferas regionais e nacional, para a consolidação de sua proposta de constituinte, justificando perseguição aos militantes de esquerda. Esta pesquisa aproxima a História da Fronteira Sul e a História dos Movimentos Sociais a uma longa trajetória de disputas políticas no Brasil, refletir sobre esta jornada é parte importante para equilibrar o peso histórico de distorções que ajudaram a moldar nosso atual quadro histórico brasileiro.

Teorias da fronteira e a construção da UFS

Cesar Capitano

Este trabalho analisa a criação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS) em paralelo a análise de contexto histórico da formação das fronteiras do sul do Brasil. A UFS, com seus múltiplos campi em diferentes regiões, foi concebida para atender às demandas de comunidades rurais e urbanas, promovendo a inclusão social e o desenvolvimento regional. A universidade está inserida em um território com marcas de conflitos históricos, disputas territoriais e processos de colonização. O texto destaca a importância de compreender a História e as teorias da Fronteira para entender o papel da UFS na região. As narrativas sobre o "vazio demográfico", a ocupação do "sertão" e a construção de identidades regionais são analisadas, evidenciando a complexidade da formação das fronteiras e a importância da educação superior nesse processo, que tem na sua criação (UFS), os sentidos de transformação desta realidade. A UFS é apresentada como um espaço de encontro entre diferentes culturas e identidades, promovendo o diálogo intercultural e a valorização da diversidade. A universidade busca contribuir para a construção de uma nova identidade regional, baseada na inclusão, na justiça social e no desenvolvimento sustentável.

A filmografia dos movimentos sociais sul-brasileiros: um novo olhar para as mobilizações

Erno Luiz Matielo

Humberto José da Rocha

Este projeto faz inferências ao uso do cinema e linguagem audiovisual como instrumentos de articulação e resistência, ao longo da trajetória de mobilizações sociais na luta pela terra, direitos sociais e humanos. Tem como objeto de pesquisa os Movimentos Sociais no Sul do

Brasil, estabelecendo como marco temporal aproximado o período entre 1985 e 2004. Metodologicamente o trabalho guiar-se-á pela pesquisa bibliográfica e documental a partir de registros oficiais e história oral referencial. Direciona-se sob a perspectiva da Análise Fílmica e pela História e Teoria dos Movimentos Sociais. Deste modo, objetiva-se identificar e conceituar cinema social de guerrilha, utilizado na retratação temática, processos de formação de lideranças, ativistas e agentes de transformação social na conjuntura das mobilizações sob a perspectiva do Frame e Máster Frame e Ciclos de Protestos nas Fronteiras Sul-Brasileiras.

Os Sete Povos das Missões, ocupação territorial e fronteira: crítica documental das cartas do Pe. Antônio Sepp

Miguelângelo Corteze
Antonio Marcos Myskiw

O objeto desse artigo está em problematizar os escritos do Padre Antonio Sepp e sua obra, procurando contextualizar para realizar uma crítica documental. A proposta se orienta através de algumas perguntas. O que é? Quando foi escrito? Quem escreveu? Por que escreveu? Para quem foi escrito? Em que condições foi escrito? Quem reuniu os escritos de Sepp e publicou? Quem traduziu? Qual editora publicou a obra em português e em quê ano? Essas questões servem de guia para investigar o legado missionário e repensar as Missões Jesuíticas nessa fronteira como um dos grandes temas da América colonial, especialmente os Sete Povos das Missões, procurando possíveis ligações com a ocupação territorial posterior na região do Alto Uruguai do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e histórico sob o olhar do Pe Antônio Sepp, jesuíta que participou, dando os melhores anos de sua vida num projeto que ultrapassou o imediato. Além das cartas de Sepp, serão usadas outras fontes como as Cartas Anuais, de Pedro De Ângelis, para construir um cenário mais completo. A forma de ocupação coletiva da terra ali desenvolvida conseguia atender as necessidades básicas dos aldeamentos e a redução de São João Batista, da qual Pe Antônio Sepp foi protagonista, serve de linha central. Os resultados ainda são provisórios, mas tudo indica que existe uma forte relação da experiência dos Sete Povos com o processo que se desenrolou na sequência com a ocupação territorial e os movimentos populares, ocorridos nos séculos seguintes.

A imprensa como instrumento de criminalização dos atores sociais da Fronteira Sul

Jean Marcos Bonatto
João Paulo de Almeida Farina

O presente trabalho tem como foco a análise da perseguição aos movimentos sociais, populares e agentes sociais que atuaram na região da Fronteira Sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul e no Paraná, durante e depois do processo de redemocratização no Brasil,

em que comum estes movimentos foram criminalizados pelo Estado e pela mídia. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado um levantamento da imprensa do período, foram abordadas as matérias jornalísticas de veículos midiáticos locais e nacionais que descreviam uma visão sobre estes atores sociais. Analisaremos a denúncia sobre a realização de aulas de guerrilha no Alto Uruguai gaúcho, supostamente realizada pelo PT, CUT, CRAB (MAB) e MST, e a trajetória de luta dos assentamentos do MST em Bituruna e General Carneiro contra o latifúndio da madeira. No intuito de identificar como a imprensa noticiava a atuação dos grupos, quais as motivações para a realização das matérias, a que interesses serviam as denúncias e quais os atores envolvidos nas notícias. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica sobre o tema, a fim de percorrer um panorama histórico dos caluniadores e caluniados; a observação e análise das características das denúncias, a partir do uso do artifício jornalístico do Escândalo Político Midiático desenvolvido por John Thompson. Buscamos contribuir para a historiografia dos movimentos sociais na Fronteira Sul, considerando como a mídia, umas das principais formadoras de opinião nas democracias atuava na criminalização de atores sociais, desequilibrando a disputa política nas democracias liberais.

História dos movimentos sociais no Brasil, século XIX

Gabriel Solimeno

João Paulo de Almeida Farina

Humberto José da Rocha

O artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento urbano de Jaguarão no início do século XX, destacando a influência das elites locais na construção da cidade e a continuidade das dinâmicas de exclusão racial herdadas do período escravocrata. Busca-se compreender como a arquitetura, marcada por casarões construídos com mão de obra escravizada, reflete as desigualdades sociais, com a população afrodescendente sendo relegada a áreas periféricas. Além disso, investiga-se o papel da Primeira República na consolidação desse cenário e as formas de resistência da população negra, como o associativismo no Clube 24 de Agosto.

O Movimento Pró Universidade Federal da Fronteira Sul à luz da Teoria dos Movimentos Sociais

Najara Leite Bento

João Paulo de Almeida Farina

A educação superior é uma formação técnica indispensável para a ascensão no mercado de trabalho e para a construção da sociedade. Assim, universidades de caráter descentralizado, como a Universidade Federal da Fronteira Sul exercem grande papel como espaços de formação das camadas sociais menos favorecidas, oferecendo espaços de formação que até

então só poderiam ser acessados em grandes instituições localizadas próximas de grandes centros urbanos. Como horizonte deste trabalho temos o objetivo de evidenciar os processos relacionados aos movimentos sociais de base, em especial o Movimentos PRÓ-UFS, considerado como o protagonista para a construção de uma Universidade Federal com caráter “popular”. A metodologia adotada faz parte de uma bibliografia que aborda as influências em questões políticas em torno do ensino superior brasileiro, bem como se debruça a esclarecer os fatores políticos e administrativos que favoreceram o desenvolvimento da universidade por meio do fomento às iniciativas de estímulo ao ensino público superior. O texto evidencia a atuação do movimento pró-Universidade na tentativa de realizar tal objetivo é consolidar a UFS como uma instituição pública e “popular”. Através de uma análise da bibliografia histórica e do campo da Teoria dos Movimentos Sociais, pretendemos identificar tal organização no campo dos movimentos sociais. Retornar a conjuntura do cenário político que se envolve nesse processo de criação da universidade, também se observa o fenômeno relacionado com a oportunidade política promovida através de interações entre organizações como os sindicatos, movimentos sociais, e a própria comunidade, que em conjunto, de forma orgânica se organizaram e tencionaram a vinda da universidade para a mesorregião da grande fronteira do Mercosul, cuja oportunidade virá a favorecer o desenvolvimento humano e econômico da região, estudar quais foram as relações e expectativas do público alvo, são pontos para rememorar e apontar novos rumos para a história da Universidade Federal da Fronteira Sul.

A escola como rugosidade: primeira Casa Familiar Rural de Santa Catarina de Quilombo

Alex Ruan Vedovatto Kucmanski

Em um mundo em que tem muita tecnologia, temos também estruturas antigas ou atuais que divergem do mundo atual, elas são chamadas de Rugosidades Históricas, nessa pesquisa traz a luz uma observação destas rugosidades no oeste de Santa Catarina, pegando como exemplo escolas, do meio rural, como a primeira Casa Familiar Rural de Santa Catarina, a C.F.R Santo Agostinho, e uma escola abandonada que tem o mesmo nome bem em frente a Casa Familiar Rural. E usado fontes bibliográficas, e imagem para elucidar essas estruturas, tão quão as suas mudanças e permanências como diria André Martinello, e conversando com os autores Milton Santos, André Martinello e Luiz Monteiro, sobre as estruturas em que essa pesquisa aborda e conceitos para dar um enfoque teórico sobre as rugosidades, sendo uma pesquisa que trabalha com a Geografia Histórica, os resultados previamente obtidos são as dinâmicas de como essas escolas foram construídas, e que como as técnicas estão entrelaçadas não só na forma da técnica de construção mas também em forma de como essas rugosidades estão dispostas na paisagem.

Entre a usina e a terra: a história de resistência da comunidade de Carlos Gomes frente à UHE Machadinho

Fábio Roberto Krzysczak

Humberto José da Rocha

A construção da Usina Hidrelétrica Machadinho (UHE Machadinho), na bacia do Rio Uruguai, entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, iniciada em 2002, destaca-se como um marco de modernização, progresso e geração de energia limpa. No entanto, muitos proprietários rurais, especialmente em Carlos Gomes, resistiram à obra, que ameaçava suas terras. A cidade, predominantemente formada por agricultores descendentes de poloneses, enfrentou a possibilidade de desapropriação de suas áreas urbanas e rurais. O projeto, aprovado em 1986, foi interrompido por seis anos devido à resistência de cerca de 800 moradores, que temiam perder suas propriedades. As obras foram retomadas em 1995, com o eixo da usina deslocado para evitar o impacto direto em Carlos Gomes e suas áreas rurais. Estratégias de resistência incluíram romarias em Carlos Gomes, Vila Áurea (RS) e Itá (SC), reunindo milhares de pessoas contra as desapropriações. Uma ação central foi a aquisição de terras onde seriam instaladas as turbinas da usina, impedindo que fossem declaradas de utilidade pública. Em 2002, a UHE Machadinho foi inaugurada, mas a resistência dos agricultores resultou em modificações no projeto original, preservando suas propriedades e atividades agrícolas. Essa luta garantiu a continuidade dos modos de vida rurais, exemplificando a resistência das comunidades diante de grandes empreendimentos e destacando o impacto de tais projetos sobre a identidade e as relações socioambientais dos agricultores. A saga de Carlos Gomes evidencia a constante tensão entre os interesses econômicos e a preservação das terras rurais e suas tradições.